



Jean Neilla Rocha Ferreira

**Assembléia de Deus em Feira de Santana:
Um estudo das representações políticas na “década da
colheita”**

Universidade Estadual de Feira de Santana

Feira de Santana

2009

Jean Neilla Rocha Ferreira

Assembléia de Deus em Feira de Santana:
Um estudo das representações políticas na “década da colheita”

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora da
Universidade Estadual Feira de Santana,
como exigência para obtenção do grau de
Licenciado em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elizete da Silva

Co-orientador: Prof^o. Dr^o. Rinaldo Leite

Universidade Estadual de Feira de Santana

Feira de Santana

2009

A banca examinadora considera esta monografia adequada como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Feira de Santana, 06 de abril de 2009.

Prof^ª. Dr^ª. Elizete da Silva

UEFS

Prof^º. Dr^º. Rinaldo Leite

UEFS

Prof^º. Especialista Igor José Trabuço da Silva

UFBA

AGRADECIMENTOS

Ao meu trino Deus, que como um excelente pai se fez presente em todas as circunstâncias. Como amigo, na pessoa de Cristo, me fez sentir totalmente contemplada pelo Seu infinito amor e na pessoa do Espírito Santo tem sido meu Consolador de sempre. Se agradecesse somente a Ti, já seria o bastante.

Ao meu pai Ezequias Ferreira, por ter depositado em mim a sua confiança e sempre se mostrar interessado pela temática da minha pesquisa, me ajudando inclusive na coleta das fontes. Valeu papai!

A minha mãe Noemia Rocha, pelas incessantes orações e pela dedicação na criação dos filhos. Muito obrigada pelo estímulo para que nós pudéssemos entrar na universidade e por ter contribuído para minha permanência na UEFS.

A meus irmãos Keilinha e Emerson, companheiros de todas as horas, pela compreensão na divisão do uso do computador, por sempre se mostrarem dispostos a me ajudar, e, principalmente, por tolerarem o meu “stress pré – monografia”.

A minha irmã Jamyle e seu esposo Adriel, pelo apoio constante, e por terem me dado um sobrinho tão fofo, que com seu sorriso infantil e suas palminhas desacertadas me alegrou por muitas vezes quando estava desanimada com a tessitura do presente trabalho. Titia ama você, Pedrinho!

A meu amorzinho, Endric Lopes, pelo seu carinho e companheirismo, pela paciência ao ouvir inúmeras vezes as minhas retratações sobre esta pesquisa, pelo suporte técnico, por ter conseguido as revistas *Lições Bíblicas* da década de 1990, enfim, por tudo que representa pra mim.

A minha orientadora, professora Elizete da Silva, por ter possibilitado esse meu primeiro passo na pesquisa histórica, e no estudo sistemático da religião, em particular. Muito obrigada pelo incentivo e por ter compartilhado comigo a sua biblioteca!

Ao professor Rinaldo Leite que acompanhou este trabalho desde quando ele era ainda uma idéia vaga e sem rumo até à concretização do mesmo. Valeu pela paciência para com as “meninas da religião” durante as quatro oficinas de pesquisa e ainda as duas disciplinas de Orientação do Trabalho de Conclusão de Curso.

A todos os meus amigos que conquistei na UEFS, principalmente as meninas que compartilharam comigo a maior parte do tempo durante o curso: Lude, Paola,

Cacau, Carol, Karina, Priscila, Carla, Vani. A Lili, minha companheira de pesquisa, um agradecimento especial.

Aos irmãos da ADFS pelas entrevistas concedidas e pelo acesso aos documentos.

Aos meus tios e tias, primos e primas que juntos já somam mais de uma centena, alguns mais presentes outros mais distantes. Contudo, devo meus agradecimentos não somente para aqueles que contribuíram diretamente para a concretização desta pesquisa, mas sou grata a cada um de vocês pelos mais simples gestos de afeto. A minha prima Nayara, em especial, pelo auxílio sempre que a tecnologia resolveu se transformar em um obstáculo.

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a realização da presente monografia.

RESUMO

Considerando a tradicional postura pentecostal de afastamento das “coisas do mundo”, sendo a política uma delas, o presente trabalho monográfico se propõe analisar as representações construídas pelos membros da Assembléia de Deus em Feira de Santana durante a década de 1990, período no qual esse grupo religioso consolida uma notoriedade na política partidária, oficializando candidaturas e tendo um dos seus líderes, o Pastor Severino Soares, exercendo o cargo de vereador na Câmara Municipal de Feira de Santana (1994-1996).

Palavras chave: Pentecostalismo, política, Feira de Santana.

ABSTRACT

Considering the traditional pentecostal posture of adjustment of the things of the world, being the politics one to them as well. This monographic work intends to analyze the political representations, built by the members of Assembly of God church in Feira de Santana, during the decade of 1990. In that period this religious group consolidates a fame in the supporting politics, making official candidacies. One of its leaders was Pastor Severino Soares. He exercised alderman's position in Feira de Santana from 1994 to 1996.

Keywords: Pentecostalism, policy, Feira de Santana.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Templo sede da ADEFS	35
Figura 2 – Waldeir Pereira na formatura do CRDJ.....	41
Figura 3 - Pastor Severino Soares e José Falcão da Silva.....	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADEFS – Assembléia de Deus em Feira de Santana

CPAD – Casa Publicadora das Assembléias de Deus

CGADB – Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil

CRDJ – Centro de Recuperação Desafio Jovem

OEAD – Orfanato Evangélico da Assembléia de Deus

AMA – Amparo ao Menor Abandonado

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
Referencial teórico.....	13
Fontes e metodologia.....	15
CAPÍTULO 1 – PRESENÇA PROTESTANTE NO BRASIL E NA BAHIA.....	19
O que é pentecostalismo?.....	22
Assembléia de Deus no Brasil: surgimento e expansão.....	24
Assembléia de Deus na Bahia.....	28
CAPÍTULO 2 – ASSEMBLÉIA DE DEUS NA PRINCESA DO SERTÃO.....	31
Assembleianos e política em Feira de Santana: antecedentes dos anos 90.....	36
CAPÍTULO 3 – PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DOS ASSEMBLEIANOS FEIRENSES NA DÉCADA DA COLHEITA.....	43
O perfil do pastor Severino Soares.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
FONTES.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62

INTRODUÇÃO

Considerando o inegável vínculo entre a religião e a política, o presente Trabalho de Conclusão de Curso busca analisar as representações políticas construídas pelos fiéis de uma denominação¹ protestante de cunho pentecostal intitulada de Assembléia de Deus. Portanto, o nosso contato com o Centro de Pesquisa da Religião (CPR), um núcleo do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia (DCHF) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), logo nos primeiros semestres da graduação, certamente, foi um fator decisivo na escolha desta temática.

Tendo em vista a importância da experiência religiosa para os sujeitos históricos inseridos num determinado contexto social e a influência que a mesma vem exercendo na sociedade no âmbito cultural e sóciopolítico, é inegável a relevância do seu estudo para melhor compreender a sociedade.

O mundo contemporâneo cada vez mais globalizado em suas relações econômicas, passa por um processo de mundialização da cultura, no qual a religião, enquanto manifestação do sagrado também se faz presente e ativa, cimentando relações sociais e políticas.²

A Assembléia de Deus foi instaurada no Brasil em 1911, através dos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Logo nas primeiras décadas após a sua implantação em solo brasileiro, esta denominação omitia seus posicionamentos políticos ao sustentar um discurso de separação das “coisas do mundo”, sendo a política uma delas. Contudo, ao se tornar a maior denominação evangélica do País, dado o seu potencial eleitoral, a Assembléia de Deus, virou alvo de disputas de candidatos e seu pretenso afastamento da vida política se converteu numa atuação de destaque, com o lançamento de candidatos do próprio grupo.

Não por acaso, a cidade de Feira de Santana constitui o nosso universo geográfico e a nossa demarcação cronológica é a década de 1990, esse é um período no qual os assembleianos feirenses consolidaram uma notoriedade expressiva na política partidária local. Candidatos apoiados pelos “irmãos” da Assembléia de Deus conquistaram

¹ Se, de um lado, está a igreja que é uma instituição onde as pessoas já nascem inseridas no seu sistema religioso, e, do outro lado está a seita que é uma dissidência da igreja. Utiliza-se o conceito de denominação quando se refere aos grupos religiosos que ficam nas intermediações entre um pólo e outro.

² SILVA, Elizete da. *Cidadãos de Outra Pátria: Anglicanos e Batista na Bahia*. São Paulo. USP. Tese doutorado, 1998, p. 13.

expressividade no cenário político da cidade. E, ainda, em abril de 1994, o Pastor Severino Soares assumiu o cargo de vereador.

No entanto, a produção historiográfica sobre o protestantismo brasileiro ainda é muito limitada já que só recentemente essa temática passou a ser estudada de forma sistemática. No que diz respeito ao estado da Bahia, ainda são poucos os trabalhos voltados para analisar o fenômeno protestante, no tocante ao pentecostalismo em Feira de Santana, os trabalhos científicos ainda são raros. Por outro lado, como constata Fernandes, “a importância da variável religião na análise do comportamento eleitoral e no funcionamento do legislativo é ainda um tema pouco discutido na literatura sobre o comportamento político no Brasil³”.

Elizete da Silva⁴ ao fazer um balanço historiográfico sobre o protestantismo no Brasil, divide os trabalhos em dois momentos distintos, com base nesta divisão faremos uma breve revisão bibliográfica sobre a denominação em estudo, isto é, a Assembléia de Deus. Segundo esta autora, o primeiro momento é constituído por *uma historiografia apologética* formada pelos trabalhos pioneiros dos próprios protestantes, só a partir de 1950 quando trabalhos com certo rigor científico passa ser elaborados é que ela considera a fase de *uma historiografia crítica*.

A *História das Assembléias de Deus no Brasil*, de Emílio Conde, por seu caráter confessional, é um trabalho que se enquadra muito bem neste período da historiografia apologética. O autor é um jornalista assembleiano (1901-1971) que dedicou pelo menos três décadas da sua vida a incipiente Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD), a editora oficial do grupo.

Na apresentação da 5ª edição do livro, o diretor executivo da CPAD, Ronaldo Rodrigues de Souza, alerta:

Uma obra como esta não pode cair no esquecimento. As novas gerações de pentecostais precisam saber como a mensagem do evangelho integral de Nosso Senhor Jesus Cristo chegou à nossa terra. Se de fato ansiamos por avivamentos e refrigérios, urge espelhar-nos em quem fez avivamentos e experimentou refrigérios.⁵

³FERNANDES, Rubem César. *Novo Nascimento-Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, p. 181.

⁴SILVA, Elizete da. *O protestantismo Brasileiro: um Balanço historiográfico*. Feira de Santana: UEFS. 1999.

⁵CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD. 2000, p.6.

É também com essa linguagem típica dos pentecostais que Conde discorreu sobre a inserção da Assembléia de Deus em todo o País, inclusive, no capítulo voltado especificamente para o estado da Bahia há uma pequena referência à origem dessa denominação em Feira de Santana.

No que se refere à fase da historiografia crítica sobre a denominação protestante em apreço, nesta parte introdutória, destacaremos apenas, alguns trabalhos de historiadores baianos que discorrem, exclusivamente, sobre a Assembléia de Deus e que foram de fundamental importância para o nosso estudo.

Em *Orar e Vigiar – O Poder Disciplinador da Religião como Representação do Pecado na AD de Conceição do Coité, 1970 a 1990*,⁶ Clari Couto analisa a ética-comportamental que norteia as atitudes dos assembleianos de Conceição do Coité, enfocando o processo de disciplinarização sobre os mesmos. Sendo assim, Couto nos ajuda compreender o sistema de doutrinas e costumes da Assembléia de Deus, com base nas categorias analíticas da História Cultural.

Sobre os assembleianos feirenses, em especial as assembleianas, o trabalho de Sara dos Anjos *O Papel da Mulher na expansão e consolidação da Assembléia e Deus em Feira de Santana (1949 -1980)*⁷, além de retratar a temática sugerida pelo título aqui citado, ainda que de forma superficial, ela já aponta para uma discussão em torno da composição social e da organização interna dessa denominação, o que nos foi de grande valia.

Outra autora que analisa diretamente os nossos sujeitos de estudo é Maria Isabel Sampaio em *Representações do processo saúde-doença entre os pentecostais da Assembléia de Deus em Feira de Santana*⁸, o qual nos ajudou a pensar sobre as peculiaridades dos hábitos e crenças deste grupo.

Por fim, o trabalho que mais se aproxima da nossa proposta, “*Tu não participarás*”: *A assembléia de Deus em Feira de Santana e os dilemas da participação*

⁶ COUTO, Clari Alves Ferreira. *Orar e Vigiar – O Poder Disciplinador da Religião como Representação do Pecado na AD de Conceição do Coité, 1970 a 1990*. Feira de Santana. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da UEFS, 2001.

⁷ FERREIRA, Sara Silva dos Anjos. *O Papel da Mulher na expansão e consolidação da Assembléia e Deus em Feira de Santana (1949 -1980)*. Feira de Santana. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da UEFS, 2008.

política. (1972 a 1990),⁹ onde Igor Trabuco da Silva analisou, de forma muito coerente, a atuação desta denominação nas questões políticas num sentido amplo do termo, o autor segue o percurso dos assembleianos feirenses rumo a uma participação expressiva na política partidária. Portanto, trata-se de um trabalho de grande contribuição para as nossas reflexões, com o qual estabelecemos diálogos fundamentais para a melhor compreensão das representações políticas dos assembleianos feirenses.

Vale ressaltar, que além das obras supracitadas ao longo da monografia dialogamos com outros autores, inclusive, de outras áreas das Ciências Humanas, dada a limitação de trabalhos historiográficos que discorrem sobre a participação dos evangélicos na política.

Referencial teórico

Tendo em vista estas relações estabelecidas entre a religião e a política, a nossa abordagem teórica parte do pensamento de Pierre Bourdieu, para quem a religião faz parte do processo social e dialoga com os outros aspectos da sociedade. Para ele, os elementos simbólicos do campo religioso também se fazem presente no campo político:

A estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder comanda, em cada conjuntura, a configuração da estrutura das relações constitutivas do campo religioso que cumpre uma função externa de legitimação da ordem estabelecida na medida em que a manutenção da ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem política, ao passo que a subversão simbólica da ordem simbólica só consegue afetar a ordem política quando se faz acompanhar por uma subversão política desta ordem”.¹⁰

Então cabe aqui o seguinte questionamento: até que ponto os assembleianos feirenses legitimam ou subvertem a ordem simbólica ao participarem da política partidária? Partindo deste pressuposto, a abordagem teórica que norteia a nossa pesquisa se ancora na perspectiva da História Cultural, uma vez que a religião é aqui concebida como um elemento constitutivo da cultura. “A história cultural tal como

⁸ SAMPAIO, Maria I. da Silva. *Representações do processo saúde-doença entre os pentecostais da Assembléia de Deus em Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS. 2003. (Dissertação de Mestrado).

⁹ SILVA, Igor José Trabuco da. “*Tu não participarás*”: *A assembléia de Deus em Feira de Santana e os dilemas da participação política. (1972 a 1990)*Feira de Santana. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da UEFS, 2008.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 69.

entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é pensada, dada ler¹¹”.

A proposta de analisar as leituras de mundo que os assembleianos feirenses construíram através de seus sistemas de crenças e valores torna muito pertinente a recorrência ao conceito de representação formulado por Roger Chartier. Segundo ele, a noção de representação se identifica com a compreensão que os homens buscam do funcionamento de sua sociedade ou a definição das operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo. Para ele, essa noção de representação permite articular três modalidades de relacionamento com o mundo social:

Em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns “representantes” (instancias coletivas ou singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.¹²

No entanto, dado os limites deste trabalho monográfico, não pretendemos e nem seria possível dar conta da totalidade de representações construídas pelos nossos sujeitos de estudo, daí o enfoque para o aspecto político. Sendo assim, torna-se necessária a conexão entre a História Cultural e a História Política, ou melhor, a Nova História Política a qual rompeu com a exclusividade atribuída ao estudo do poder estatal. Essa nova concepção de História Política que vem se consolidando a partir de 1980 passou a se preocupar também com as outras modalidades do poder, inclusive com os micropoderes presentes na vida cotidiana e com o uso político do sistema de representações.

Aliás, neste período, a História não somente renovou seus campos já existentes, como também reconheceu novos campos e metodologias de pesquisa. É nesse contexto que temas e períodos contemporâneos passaram a ser incorporados à História o que veio a constituir, o que se convencionou chamar de História do Tempo Presente.

A grande discussão em torno da História do Tempo Presente diz respeito ao fato da proximidade do pesquisador com seus sujeitos de estudos, que como testemunhos vivos dos fatos narrados podem vir até contestar a produção historiográfica.

¹¹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural – Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Beutrand Brasil, 1990, p. 170.

Marieta de Moraes Ferreira ao discorrer sobre a relação entre este tipo de História e a História Oral, faz alusão ao já citado Roger Chartier para quem a História do Tempo Presente coloca o pesquisador num lugar privilegiado:

...o pesquisador é contemporâneo de seu objeto e divide com os que fazem a história, seus atores, as mesmas categorias e referências. Assim, a falta de distância ao invés de um inconveniente, pode ser um instrumento de auxílio importante para um maior entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade fundamental, que ordinariamente separa o instrumento intelectual, afetivo e psíquico do historiador e aqueles que fazem a história.¹³

Fontes e metodologia

Podemos classificar as fontes utilizadas para a concretização deste trabalho da seguinte forma:

1. Fontes orais:

Tendo em vista que a nossa pesquisa se enquadra no campo da História do Tempo Presente foi possível contar com as contribuições da História Oral, porém, é preciso destacar que apesar da dificuldade para se estudar o fenômeno pentecostal a partir da tradicional documentação escrita, ela não é aqui concebida como um simples preenchimento de lacunas. Na verdade, as fontes orais tornaram possível o estudo da maneira como os candidatos assembleianos elaboraram suas experiências, práticas e apropriações do cotidiano político local.

Por outro lado, considerando as peculiaridades da denominação protestante em apreço, "a oralidade é um traço fundamental para compreensão do pentecostalismo. Ela está presente não somente na memória preservada pelos mais antigos, mas na vivência concreta e cotidiana da fé por meio do *testemunho*¹⁴".

No entanto, ao trabalhar com fontes orais não podemos perder de vista a interação existente entre a História e a memória, Tânia Risério Gandon afirma que:

O discurso da memória é altamente dinâmico, vai sendo construído em função de cada contexto do presente – o "lugar" do discurso – e também em

¹² CHARTIER, Roger. Op. cit, p.23.

¹³ CHARTIER, Roger. O olhar do historiador modernista. IN: *Écrire l'histoire da temps présent*. Apud: FERREIRA, Marieta de Moraes. *História Oral e Tempo Presente*. IN: (Re)introduzindo a História Oral no Brasil. São Paulo: Usp, 1996.

¹⁴ SIEPIERSKI, Paulo D. e GIL, Benedito M. (Orgs.). *Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 151.

função da imagem que se quer transmitir e da “negociação” identitária que consciente ou inconscientemente se estabelece numa fala.¹⁵

Os entrevistados foram assembleianos feirenses que se candidataram a vereador, a saber: Lucivaldo Teixeira, José Marques e Urbano Matos; Nilda Soares, a viúva do Pastor Severino Soares o qual foi vereador entre 1994 e 1996 e Margarida Loreto, uma das pioneiras da Assembléia de Deus em Feira de Santana.

2. Fontes Impressas:

Os relatos do pioneiro da Assembléia de Deus no Brasil, Gunnar Vingren, foram muito importantes para acompanharmos a historicidade da construção das representações deste grupo no nosso País em torno das questões políticas. Livros dos memorialistas feirenses, Antonio do Lajedinho e Lélia Fernandes, também nos trouxeram contribuições importantes no que se refere à configuração do campo religioso da cidade.

A análise da literatura pentecostal publicada pela CPAD também foi muito relevante para compreender as representações dos assembleianos. As revistas utilizadas na Escola Bíblica Dominical, *Lições Bíblicas*, merecem destaque já que depois da Bíblia esta é a literatura mais usada pelo grupo, dado o seu caráter doutrinário. Nelas se encontram citações bíblicas referente à temática de cada lição semanal, para cada dia da semana, sendo que no domingo o assunto é debatido em classes diferenciadas por gênero e/ou faixa etária (senhoras, senhores, crianças, adolescentes e jovens). Vale ressaltar que a revista *Lições Bíblicas* é voltada para os jovens e adultos já que para as crianças e os adolescentes são utilizadas outras revistas.

Artigos do *Mensageiro da Paz*, disponíveis numa coletânea publicada pela CPAD em 2004 em uma edição especial alusiva as comemorações dos 75 anos da Assembléia de Deus no Brasil, também foram de grande valia por este ser um jornal muito difundido entre os assembleianos brasileiros desde a década de 30 e pelo seu caráter doutrinário.

Para analisar a atuação política do Pastor Severino Soares, os documentos disponíveis no Arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana foram de

¹⁵ GANDON, Tânia Risério. Etnotexto e Identidade Cultural na Construção da Memória. In: Revista da FAEEBA. Bahia : UNEB, 2005.

fundamental importância, a saber: Projetos de Lei; Leis Municipais; Projeto de resoluções; Resoluções; Projetos de Decreto Legislativo; Decretos Legislativos; Requerimentos; Indicações e Moções.

O *Folha do Norte* (década de 1990) e O *Feira Hoje* (1994-1996), jornais da cidade, também foram consultados tanto para analisar a visibilidade do grupo na sociedade feirense como para avaliar o mandato do pastor Severino Soares. As edições consultadas estão disponíveis na Biblioteca do Museu Casa do Sertão/ UEFS.

3. Fontes Manuscritas

As Atas da Assembléia de Deus de Feira de Santana foram de grande valia para ancorar a discussão em torno da maneira como se dava a oficialização de candidatos. Apesar de trazer poucas informações sobre a relação dos assembleianos com a política partidária, elas nos permitiu compreender a política interna do grupo, e, ao mesmo tempo, avaliar o grau de envolvimento dos políticos assembleianos com a hierarquia eclesiástica.

4. Fontes iconográficas

Considerando a relevância dos documentos visuais para a pesquisa histórica, trabalhamos com algumas fotografias de um álbum particular do assembleiano feirense, Eliequinho Alves Ferreira, nas quais constatamos o envolvimento de nossos sujeitos de estudo com políticos locais.

Todas estas fontes foram analisadas na intenção de responder as questões centrais que norteiam a nossa pesquisa, a saber: Que fatores levaram os líderes da Assembléia de Deus de Feira de Santana a romper com a tradicional postura absenteísta e passar a oficializar candidatos? Qual a reação da membresia diante de tal atitude? Como foi a atuação política do Pastor Severino Soares?

Na busca por essas respostas, a estrutura da monografia está dividida em três capítulos. No primeiro, fazemos uma breve abordagem da história do protestantismo no Brasil desde a colônia até o início do século XX, quando surge o pentecostalismo, ramo protestante do qual a Assembléia de Deus é a denominação primogênita, e para quem dedicamos uma maior atenção.

No segundo capítulo, a intenção é situar historicamente os nossos sujeitos de estudo, os assembleianos feirenses, o enfoque maior, porém, é voltado para as relações entre estes e a política no período anterior a década 1990.

Por fim, no terceiro e último capítulo, discorreremos sobre a participação política dos assembleianos feirenses no período delimitado pelo nosso trabalho, ou seja, a década de 1990. Partimos da política interna do grupo uma vez que esta já sinaliza o envolvimento dos membros da ADFS na política partidária a nível municipal, sobre a qual damos maior ênfase, merecendo destaque a atuação do Pastor Severino Soares enquanto vereador de Feira de Santana (1994-1996).

CAPÍTULO 1 – PRESENÇA PROTESTANTE NO BRASIL E NA BAHIA

Apesar de a Igreja Católica ter monopolizado legalmente o campo religioso brasileiro até a promulgação da Constituição de 1891, mesmo que de forma esporádica, a presença protestante no Brasil remonta ao período colonial.

A rigor, o Brasil sempre foi uma sociedade plural em termos religiosos, e tanto na colônia como no império encontramos criativas formas de relacionamento entre as diversas manifestações religiosas e o catolicismo, a religião oficial, sendo esta ela mesma bastante heterogênea.¹⁶

Discorrendo sobre as formas de contestação a Cristandade, externadas por índios, negros e demais grupos que se opunham ao colonialismo português, Riolando Azzi¹⁷ não passa despercebido à presença de europeus pertencentes ao cristianismo reformado no Brasil colonial.

Logo no século XVI os huguenotes, calvinistas franceses, fundaram a França Antártica no Rio de Janeiro. No século seguinte, foi a vez dos calvinistas holandeses¹⁸ ocuparem Pernambuco e o resto do nordeste. Além dos interesses econômicos, camuflados pelos franceses e tão explícitos na ação colonizadora holandesa, a vinda destes protestantes ao Brasil também representava uma alternativa para os conflitos religiosos da Europa ocasionados pela Reforma Protestante.

Apesar de efêmera, a presença de protestantes no Brasil Colônia, durou o suficiente para eles ficarem estigmatizados no imaginário católico como os *hereges invasores* já que no Brasil colônia “ser protestante era algo estranho ao consenso e ao convívio comunitário, pois tratava-se de uma religião de estrangeiros, isto é, do outro, do não brasileiro”.¹⁹

¹⁶ SIEPIERSKI, Paulo D. A inserção e expansão do pentecostalismo no Brasil. In: BRANDÃO, Sylvana (org.). *História das Religiões no Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002, p. 541.

¹⁷ AZZI, Riolando. *A Cristandade Colonial: Um projeto autoritário*. São Paulo: Paulinas, 1987.

¹⁸ Sobre a presença dos calvinistas holandeses no Brasil colonial ver: QUADROS, Eduardo. Os Hereges Holandeses. In: BRANDÃO, Sylvana (org.). *História das Religiões no Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002, p. 212 a 213.

¹⁹ SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira*. Feira de Santana: UEFS, 2007, p. 31.

Na verdade, somente a partir das primeiras décadas do século XIX com a fixação de anglicanos e luteranos no País é que se pode falar de um protestantismo sistematizado em solo brasileiro.

Os anglicanos se ancoraram nos privilégios concedidos pela metrópole portuguesa à Inglaterra já que sendo ela a potência econômica da situação, no contexto da abertura dos povos às nações amigas em 1808, foi à favorecida, inclusive, nos tratados assinados em 1810. Um dos artigos do tratado de Comércio e Navegação garantia a liberdade religiosa aos britânicos com a condição de que seus templos tivessem a aparência de residências particulares.

Quanto ao luteranismo, este foi trazido pelos imigrantes alemães e se desenvolveu, sobretudo, no sul do País. Ambos, britânicos e alemães, se preocupavam unicamente em satisfazer as suas próprias necessidades religiosas, ou seja, não faziam proselitismo. Por conta disso, tanto o anglicanismo como o luteranismo são classificados como protestantismo de imigração.

No trabalho que inaugura o período que se considera rigorosamente científico pela historiografia do protestantismo no Brasil, a tese central do historiador francês Émile Leonard²⁰ está na constatação de que a situação do campo religioso brasileiro das primeiras décadas do século XIX era muito semelhante ao da Europa no final da Idade Média que assegurou o sucesso da Reforma Protestante. Leonard chega falar em prováveis precursores de uma Reforma puramente brasileira que por falta de maior apoio do imperador e da maioria do próprio clero católico não foi bem sucedida, dentre eles, está o “padre protestante” José Manoel da Conceição, considerado por ele uma espécie de “Lutero brasileiro”.

Se a possibilidade de uma reforma interna no catolicismo brasileiro parece exagero, o certo é que na segunda metade do século XIX, o protestantismo missionário, como passou a ser classificado, se estabelece no país com a chegada de missionários interessados na conversão de brasileiros ao cristianismo reformado.

A partir de 1858, missionários de origem congregacional, metodista, presbiteriana, batista e episcopal fundaram suas igrejas no Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul. Fazendo jus a sua principal

²⁰ LEONARD, Emile. *O Protestantismo Brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. São Paulo: ASTE, 2002.

característica, que é o espírito proselitista, o protestantismo missionário irradiou-se por todo território nacional.²¹

Por outro lado, enquanto detentora oficial do monopólio religioso tanto na colônia como no império, a Igreja Católica, também tinha primazia na esfera política. Não nos esqueçamos dos tradicionais vínculos estabelecidos entre ela e o Estado através do Padroado Régio.

Em decorrência disso, de acordo com a primeira lei eleitoral do Brasil independente (1824), os protestantes, na condição de não católicos, até podiam ser eleitores e votantes, mas nunca eleitos já que a profissão da fé católica era um pré-requisito fundamental para os candidatos. Não por acaso, a paróquia (ou freguesia) era considerada a unidade territorial fundamental do sistema eleitoral do país.

Pra se ter uma idéia, existiam 1.473 paróquias no Brasil em 1873. As cidades e as vilas eram compostas por mais de uma paróquia; por exemplo, em 1880, existiam 12 paróquias no município de Campos (RJ). Até 1880 as eleições aconteciam na igreja matriz da paróquia. No dia marcado, o pároco rezava a missa e após a cerimônia religiosa, a mesa responsável pelo trabalho eleitoral era instalada e começava a votação.²²

Somente com a edição da lei Saraiva que abolia o voto indireto em 1881, as cerimônias católicas obrigatórias que precediam os trabalhos eleitorais foram dispensadas.

Marli Geralda Teixeira²³ faz referência a um conjunto de fatores que podem ser considerados como uma força de pressão para uma reforma na legislação brasileira no que diz respeito aos direitos e garantias que deveriam ser dados aos não-católicos e seus descendentes, a começar mesmo pela estreita da ligação entre o Brasil e a protestante Inglaterra, seguida da crescente imigração de origem européia. Soma-se ainda, o pensamento liberal disseminado entre políticos e intelectuais brasileiros e a ação da maçonaria contrária ao ultramontanismo.

Daí, Ruy Barbosa ter sido o redator do texto que assegura a liberdade religiosa no Brasil presente na Constituição de 1891, a primeira da República, cujo caráter laico, explícito na separação entre a Igreja Católica e o Estado, acabou, inclusive, com as restrições legais para a participação política dos protestantes, mas estes continuaram à

²¹ SILVA, Elizete da. *Cidadãos de Outra Pátria: Anglicanos e Batista na Bahia*. São Paulo. USP. Tese doutorado, 1998, p. 24.

²² NICOLAU, Jairo Marconi. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p.14.

²³ TEIXEIRA, Marli Geralda. *Os batistas na Bahia*. Salvador: UFBA. 1975.

margem do cenário político nacional na Primeira República, especialmente por serem grupos minoritários.

Elizete da Silva ao analisar as representações políticas construídas por anglicanos da Bahia (British Church), e por dois grupos batistas, os da Primeira Igreja Batista do Brasil, e os da Missão Batista Independente, no período compreendido entre 1880 a 1930, constata que:

As representações políticas elaboradas por anglicanos e batistas estavam essencialmente vinculadas à forma de existência de ambos os grupos na sociedade brasileira e baiana. A percepção da realidade circundante, da dinâmica sócio-política onde estavam inseridos, fez-se a partir de uma concepção religiosa protestante do mundo, sem contudo obscurecer os fatores de ordem material. A díade reinos deste mundo X Reino de Deus presidiu a tessitura das representações dos grupos em apreço. A centralidade da visão do Reino de Deus, não só no seio do protestante, mas também da Igreja Católica, está no fato de que é em decorrência dessa concepção que, no nível religioso, se engendra a ética cristã.²⁴

A autora salienta também, que anglicanos e batistas, enquanto grupos minoritários na Bahia afro-católica, tomaram a Inglaterra e os Estados Unidos da América como referencial político de progresso por serem países protestantes. Por outro lado, os batistas independentes, livres da liderança dos missionários estrangeiros, tiveram uma postura crítica com relação aos problemas políticos, pelo menos do ponto de vista da retórica.

Portanto, os diferentes grupos protestantes, ao chegar ao Brasil, marcaram presença na vida social e política do País, elaborando formas peculiares de percepção da realidade circundante a partir de suas experiências religiosas.

Ainda no início do século XX, chegou ao Brasil o protestantismo pentecostal, classificação onde se insere a denominação na qual o presente trabalho se propõe analisar, a Assembléia de Deus.

O que é Pentecostalismo?

A designação pentecostal faz referência à tradicional festa judaica do Pentecostes, ocorrida logo após a ascensão de Cristo onde todos “começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concediam que falassem”²⁵.

²⁴ SILVA, Elizete da. Protestantismo e representações políticas. In: BRANDÃO, Sylvana (org.). *História das Religiões no Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002, p. 587-588.

²⁵ Atos 2:4. Bíblia Sagrada.

Portanto, a particularidade do pentecostalismo está na doutrina do batismo com o Espírito Santo cujas raízes históricas remontam aos movimentos avivalistas ocorridos nos séculos XVIII e XIX, dentre eles, o Movimento de Santidade que aconteceu dentro do metodismo e que se ancorou no conceito de John Wesley da perfeição cristã, identificada como a segunda obra da graça, distinta da salvação.²⁶ No entanto, a plena consolidação desse fenômeno religioso só se deu no início do século XX nos Estados Unidos, quando alguns protestantes experimentaram a glossolalia.²⁷

Foi Charles Fox Parham, fundador do colégio Bíblico Betel, um espaço de debates sobre o fenômeno da glossolalia, quem elaborou pela primeira vez uma definição teológica do pentecostalismo que ressaltava o “falar em línguas” como a evidência inicial do batismo com o Espírito Santo.

Porém, o seu aluno, William Joseph Seymour, “um batista nascido como escravo, que era cego de um olho e trabalhava como garçom”²⁸, foi quem conquistou uma maior notoriedade. Dada a grande repercussão das suas pregações em Los Angeles, Seymour, alugou um velho armazém na rua Azusa Street, que se tornou famosa no universo pentecostal, onde foi implantada a Missão da Fé Apostólica.

Era um grupo majoritariamente constituído de evangélicos negros ao qual se associaram evangélicos de cor branca. O importante desse acontecimento é que a indicação do batismo no Espírito Santo não vinha de exegese de textos bíblicos e sim de uma experiência religiosa – vigílias de oração. Negros e brancos, aqueles mais numerosos que estes, uniam-se pela força do religioso.²⁹

No entanto, a tendência a partir de 1908 foi a de afastamento entre brancos e negros. Muitos negros à margem da sociedade norte-americana, ao aderir ao pentecostalismo se constituíram líderes religiosos e políticos preocupados com as questões de cunho social.

Portanto, dois eventos podem datar o surgimento do pentecostalismo: Para os autores que apontam Charles Parham com seu fundador, uma vigília de oração em

²⁶ Sobre a formação do pentecostalismo ver: CAMPOS JR, Luís de Castro. *Pentecostalismo: Sentidos da Palavra divina*. São Paulo: Ática, 1995; CAMPOS, Leonildo Silveira. O milenarismo intramundano dos novos pentecostais brasileiros. In: *Estudos de Religião*, 18. São Bernardo, UESP. 2000; SIEPIERSKI, 2002, op.cit.

²⁷ Glossolalia é entendida aqui como uma capacidade sobrenatural de falar em línguas estranhas.

²⁸ FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. IN: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem Anjos nem Demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

²⁹ ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo: Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p.23.

comemoração para chegada do novo século em Topeka (1900-1901) é considerada seu marco inicial. Já os que atribuem a fundação do Movimento Pentecostal a William Seymour, apontam para os acontecimentos, marcados por experiências de Batismos com Espírito Santo, em 1906 na cidade de Los Angeles.

Ainda na sua infância, o pentecostalismo chegou ao Brasil, segundo Paul Freston,³⁰ a expansão desse fenômeno religioso no País pode ser entendida como a história de três ondas. A primeira ocorreu na década de 1910, com a implantação da Congregação Cristã do Brasil em 1910 e a Assembléia de Deus no ano seguinte. A segunda é marcada pela fragmentação do campo pentecostal merecendo destaque as seguintes denominações: a Igreja Quadrangular (1951); a Brasil para Cristo (1955) e a Deus é Amor (1962). A última onda pentecostal teve início nos anos 70 e tem berço carioca, a Igreja Universal do Reino de Deus é a principal representante seguida da Igreja Internacional da Graça. Vale ressaltar que esta onda, também é classificada como neopentecostal.

Assembléia de Deus no Brasil: surgimento e expansão

Os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, que tiveram nos EUA a experiência pentecostal, chegaram ao Brasil em 19 de novembro de 1910, ambos cumprindo uma profecia que apontava o Pará como o lugar onde eles deviam propagar a mensagem pentecostal. Inicialmente, ficaram hospedados no templo da Igreja Batista em Belém do Pará, porém as pregações e práticas pentecostais trazidas por eles não foram aceitas pelos ministros batistas. Essas divergências interpretativas da Bíblia ocasionaram uma dissidência que deu origem a Assembléia de Deus no Brasil.

Eis a versão descrita pelo pastor batista, Antônio Neves de Mesquita ao escrever a história da sua denominação:

Em abril de 1911, aportavam a Belém dois senhores suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg dizendo-se batistas e chegaram a mandar buscar suas cartas. Logo procuraram [o pastor Eurico] Nelson seu compatriota para pedirem abrigo algures. O porão do templo lhes foi oferecido e lá se ficaram aprendendo a língua para então ajudarem Nelson na evangelização. Este bom missionário fez uma de suas muitas viagens ao Piauí, deixando esses homens na igreja na doce esperança de que, mesmo sem saberem falar, *ajudariam* o

³⁰ FRESTON, Pau. 1994, op.cit.

trabalho. Eis que pouco depois, por ocasião das reuniões, começavam esses *batistas* a tremer e a gritar sendo já, a esta altura, imitados por alguns brasileiros. Que seria aquilo, que espécie de nova religião seria essa? eram as perguntas. Eles deram para responder que era *Batismo do Espírito Santo*. Línguas e balelas tornaram o culto um horror. Nelson estava fora e a frente dos trabalhos estava o jovem inexperiente, Raimundo Nobre, toda Igreja estava sendo contaminada, pois já muitos *falavam* as tais línguas, menos os diáconos que não chegaram a fazer este “*progresso*”. Que fazer? o evangelista, ajudado por Felí de Barros Rocha, organista da igreja, convocou uma sessão extraordinária, declarou fora de ordem os pentecostais que já se constituíam a maioria, e com a minoria excluiu os que se tinham desviado das doutrinas. Eles procuravam fazer valer os seus direitos de maioria, mas ficaram excluídos mesmos. Ficou dizimada a igreja. Sem diáconos, uma desolação, este fim de 1911. Foi o começo do pentecostalismo no Brasil.³¹

O estranhamento seguido da aversão à doutrina do Batismo com o Espírito Santo foi determinante para o desfecho da situação. Excluídos pelos líderes batistas, os missionários pentecostais e seus adeptos fundaram a Missão da Fé Apostólica, a mesma designação utilizada por William Joseph Seymour em Los Angeles. Somente em janeiro de 1918, quando adquiriu personalidade jurídica é que a denominação passou a ser chamada de Assembléia de Deus.

Em pouco tempo ela alcançou um crescimento espantoso. De acordo com Siepierski³², em 1920 ela estava estabelecida em nove estados (três do norte e seis do nordeste), e na década seguinte já se fazia presente em praticamente todo o país (quatro estados do norte, nove do nordeste, quatro do sudeste e três do sul).

Este mesmo autor faz uma relação muito pertinente entre a expansão da Assembléia de Deus no Norte/ Nordeste e o ciclo da borracha. De fato, não se pode perder de vista a migração de nordestinos para Amazônia na esperança de melhores condições de vida nos seringais, com a queda dos preços deste produto no início da década de 1910, muitos deles se viram obrigados a retornarem para sua terra. “Entre eles estavam aqueles que, não tendo encontrado a salvação na borracha, encontraram-na mensagem pentecostal”.³³

É exatamente neste contexto de migrações que a Assembléia de Deus se expandiu do Norte/Nordeste para o Sudeste, sobretudo, para o Rio de Janeiro. Assim, ela se tornou a maior denominação evangélica do Brasil.

³¹ REYLY, Duncan Alexander. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo. ASTE. 2003, p.374.

³² SIEPIERSKI, 2002, op.cit.

³³ Ibid., p. 577.

Castro Campos Jr. ao discorrer sobre a inserção e a expansão da Assembléia de Deus no Brasil faz referência a uma divisão em quatro etapas feita pelo jornal o *Mensageiro da Paz*, periódico do grupo.

A primeira (1911-1924) caracterizou-se pela divisão e construção do primeiro templo; a segunda (1924- 1930), ocorreu à expansão do movimento por todo estado do Pará. A terceira fase (1930-1950) foi a de evolução da Assembléia de Deus no Pará e estados vizinhos (Maranhão, Amazonas, Ceará). A quarta fase (1950-1990) foi marcada por um crescimento considerável, com ênfase no que os assembleianos chamam de trabalho missionário.³⁴

Na verdade, expressões como “trabalho missionário” e “trabalho do Senhor” tão presentes na literatura assembleiana são decorrentes da própria ética protestante retratada por Max Weber a qual concebe o trabalho como vocação e que deve ser para a glória de Deus e para propagação do Evangelho.

O conceito de vocação entre os protestantes está relacionado “a valorização do cumprimento do dever nos afazeres seculares com a mais elevada forma que a atividade ética do individuo pudesse assumir”.³⁵ Portanto, rompe-se a dicotomia católica entre o mundo espiritual e o mundo secular. No protestantismo, todos os fiéis são vocacionados por Deus, este é o conceito de ascetismo intramundano de Weber.

A apropriação dessa concepção de trabalho pelos assembleianos foi determinante para a expansão da denominação no Brasil. Todos trabalhavam na obra, assim os leigos tiveram um papel muito importante na divulgação da doutrina pentecostal, convencendo tanto pessoas do seu convívio social como desconhecidos, suas casas muitas vezes foram transformadas em pontos de pregação.

Imbuídos na missão de propagar a doutrina do Batismo com o Espírito Santo, e com a esperança ancorada na doutrina da segunda vinda de Cristo para buscar os seus escolhidos, Vingren e Berg, não se mostraram preocupados com os problemas de ordem sócio-política do Brasil.

Na verdade, os problemas citados por Gunnar Vingren em suas memórias, dizem respeito às perseguições sofridas por eles, dado o caráter ainda majoritário da Igreja Católica, a exemplo desse relato:

Uma noite depois do culto haver começado veio uma multidão de inimigos e começaram a gritar: “Morte aos protestantes!” Ameaçaram voltar na noite

³⁴ CAMPOS JR, 1995, op. cit, p.32.

³⁵ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2007, p.70.

seguinte, o que também fizeram. Vieram com o propósito de matar os crentes, mas não calcularam que Deus iria guardar o Seu povo, porque de alguma forma o prefeito da cidade ouvira falar do assunto e ele mesmo veio para o culto. Mas não veio sozinho. Trouxe consigo quinze soldados todos armados. Desta maneira foi impedida a cilada dos inimigos e não puderam fazer nada.³⁶

Por outro lado, este fato descrito por Gunnar Vingren, ocorrido na cidade de Bragança no Pará, nos traz um dado importante concernente às relações estabelecidas entre os missionários suecos e os políticos brasileiros. Aos pioneiros da Assembléia de Deus no Brasil bastava que as autoridades lhes garantissem a liberdade de culto, que embora do ponto de vista legal já estivesse assegurada, na vivência cotidiana, eles se esbarravam em encaixes constrangedores.

É o que podemos perceber também nas impressões de Vingren sobre a Revolução de 1930. Embora tenha achado uma lástima a morte de tantas pessoas envolvidas no conflito, o seu grande temor era que a nova ordem interferisse na sua liberdade de culto. Já com Getúlio Vargas no poder, Gunnar Vingren registrou aliviado em seu diário: “O Senhor nos guardou durante a revolução e podemos continuar a trabalhar com a mesma liberdade como antes”³⁷.

É justamente a partir desta condição de minoria perseguida que os assembleianos construíram suas identidades religiosas no Brasil, Regina Novaes ao analisar a Assembléia de Deus de Santa Maria, em Pernambuco, afirma que:

A posição de um grupo religioso minoritário é o que dá sentido à identidade de *crente*. Um grupo religioso minoritário pressupõe a reação da sociedade envolvente e propõe militância. A perseguição que ocorre – como demonstram momentos da história de cada congregação em suas relações com o catolicismo dominante – é prevista. E a militância é um imperativo não só ao nível de cooptação de novos adeptos como também a nível dos próprios convertidos: é preciso manter aceso o fogo do avivamento e a conduta irrepreensível para assegurar a própria continuidade da comunidade de “irmãos na fé” enquanto tal.³⁸

Além de propagar a sua mensagem religiosa a fim de conquistar novos prosélitos, a militância aqui consiste em renegar todo comportamento tradicional da cultura brasileira e da identidade católica, numa linguagem pentecostal, é preciso rejeitar o mundo. “Mas a rejeição ao mundo não implica aqui sua transformação. Ao contrário:

³⁶ VINGREN, Ivar. *Gunnar Vingren: o diário do pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973, p. 56.

³⁷ Idem, p. 152.

³⁸ NOVAIS, Regina Reyes. *Os Escolhidos de Deus: Pentecostais, trabalhadores e cidadania*. São Paulo. Editora Marco Zero. 1985, p.68.

prega-se o recolhimento do fiel ao interior da comunidade religiosa para se proteger das ‘forças malignas’ que regem o mundo externo - a sociedade inclusiva.”³⁹

Enquanto a Assembléia de Deus se expandia afastada das questões políticas, a constituição de 1937, outorgada por Vargas, extinguiu a Justiça Eleitoral, aboliu os partidos políticos existentes, enfim, as eleições livres foram suspensas. Por outro lado, o fim dessa fase ditatorial que se convencionou chamar de Estado Novo (1937-1945) trouxe transformações favoráveis à inserção protestante na política, sobretudo a obrigatoriedade do voto feminino em 1946.

Tendo em vista, a supremacia da presença feminina nas comunidades evangélicas em geral, e na Assembléia de Deus em particular, aumenta consideravelmente o potencial eleitoral e a concomitante participação política das mesmas. Embora a denominação em questão fosse orientada a não participar das coisas do mundo, incluindo, a política partidária, dado o seu crescimento exponencial, ela passa a ser alvo de disputas políticas.

Paul Freston⁴⁰ classificou em quatro fases a atuação dos protestantes no Congresso Nacional a partir da Constituinte de 1933, considerando o grau de predominância das denominações. Segundo ele, a primeira delas se constituiu na carreira política do pastor Guaracy Silveira, era fase metodista (1933 a 1951). As outras seriam respectivamente: a presbiteriana (1951 a 1975), a batista (1975 a 1987). E somente pós 1987 é que a Assembléia de Deus passa a predominar.

Assembléia de Deus na Bahia

Ainda existem muitas lacunas a respeito da implantação da Assembléia de Deus no estado da Bahia. Apesar da abordagem apologética, já que se trata de um jornalista assembleiano, Emilio Conde⁴¹ traz um capítulo específico sobre este estado com informações úteis intitulado: “Bahia - A vitória do Espírito Santo sobre os maus Espíritos”.

³⁹ MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: Adesão religiosa na esfera familiar*. São Paulo: ANPOCS, 1996. p. 83.

⁴⁰ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. Tese de doutorado. Unicamp, São Paulo: 1993.

⁴¹ CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD. 2000

Como o próprio título sugere, Conde retrata que a inserção da denominação em apreço na Bahia se deu de forma conflituosa. Portanto, não podemos perder de vista as especificidades do campo religioso deste estado tão bem explicitadas por Marli Geralda Teixeira:

No caso particular da Bahia, não pode ser esquecido o fato de que a própria ambiência, extremamente eivada de tradições religiosas, responsáveis pela ligação indelével da cultura baiana ao catolicismo nas suas diversas feições – do ortodoxo ao popular – e às religiões afro-brasileiras, torna se ainda mais delicado o estudo de uma comunidade religiosa que, desde o início, se propôs a contestar e solapar as bases das crenças tradicionais.⁴²

Segundo Conde, as primeiras manifestações pentecostais começaram na antiga cidade de Canavieiras, no sul do estado, quando Joaquina de Souza adepta da teologia pentecostal veio morar nessa cidade no ano de 1926. No que se refere à inserção da denominação em Salvador, Clari Couto assegura:

Na capital do Estado a denominação nasceu oficialmente em 1930 e teve uma mulher como a primeira a receber o batismo no Espírito Santo, irmã Honorina. Otto Nelson, um missionário americano, foi o responsável pela implantação da obra em Salvador e conseqüentemente passou a se interessar com o desenvolvimento do trabalho no interior do estado.⁴³

Nota-se o papel dos leigos na expansão do pentecostalismo. Os missionários e pastores, muitas vezes, chegavam depois para construir os templos e organizar as congregações. Conde faz referência a uma grande festa que foi organizada em Canavieiras em 13 de julho de 1929 na ocasião da recepção do missionário Otto Nelson.

Em pequenos relatos escritos por este missionário e citados por Emílio Conde percebe-se que os assembleianos se utilizaram de muitas estratégias para assegurar conversões ao pentecostalismo na Bahia. “Isto ocorreu por que Salvador é diferente de outros lugares onde o Evangelho foi aceito sem dificuldades”⁴⁴.

A distribuição da literatura pentecostal foi a estratégia mais utilizada. Muitos folhetos foram entregues, assim como exemplares do *Mensageiro da Paz*, o jornal oficial do grupo. Soma-se a isso a venda de Bíblias pelos colportores. Afinal, o protestantismo é considerado a religião do livro, muito embora a Bíblia também seja o

⁴² TEXEIRA, Marli Geralda. *Nós os batistas... um estudo de história das mentalidades*. São Paulo: FFLCH/ USP. Tese de doutoramento. 1983, p. 14.

⁴³ COUTO, Clari Alves Ferreira. *Orar e Vigiar – O Poder Disciplinador da Religião como Representação do Pecado na AD de Conceição do Coité, 1970 a 1990*. Feira de Santana. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da UEFS, 2001.

⁴⁴ CONDE, Emílio. 2000, op.cit, p.167.

livro sagrado dos católicos, aos pentecostais cabia o papel de convencer que suas doutrinas estavam ali contidas.

CAPÍTULO 2 - A ASSEMBLÉIA DE DEUS NA PRINCESA DO SERTÃO

Feira de Santana, cidade do interior da Bahia localizada aproximadamente a 108 km da capital do estado, tornou-se conhecida como a “Princesa do sertão” tanto pelo seu entroncamento rodoviário como pela importância histórica do seu comércio. De arraial pertencente à Comarca de Cachoeira no século XVIII, ela passou a categoria de vila em 1832 e, por fim, foi elevada a categoria de cidade em 1873, quando passou a ser chamada de Cidade Comercial de Feira de Santana.

Ainda em 1876 uma ferrovia que fazia ligação com o porto de Cachoeira foi implantada, segundo Nacelice Freitas, o terminal da estrada de ferro que se localizava na Praça da Matriz, “foi marcante na evolução urbana da cidade, determinando o crescimento no sentido norte-sul, com o adensamento populacional em suas margens.”⁴⁵

Já Clóvis Ramaiana aponta a importância da atividade comercial no crescimento da cidade, a começar pela comercialização do gado. Segundo ele, “entre os anos finais do século XIX e as três primeiras décadas do século XX a cidade experimentou um considerável crescimento populacional”.⁴⁶

Confirmando a tendência pentecostal, é nesse contexto de crescente urbanização e crescimento demográfico que a Assembléia de Deus se instala em Feira de Santana na década de 1930.

Porém, antes de tratar especificamente sobre a Assembléia de Deus em Feira de Santana (ADEFS), faz-se necessário tratar aqui sobre o campo religioso feirense no contexto da implantação e expansão do protestantismo nesta cidade.

Segundo Rollie Poppino⁴⁷, a população feirense até a década de 1950 era predominantemente católica, os protestantes ainda somavam menos de mil adeptos.

⁴⁵ FREITAS, Nacelice Barbosa. *Urbanização em Feira de Santana: influências da industrialização (1970-1996)*. 1998, p. 108-109.

⁴⁶ OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana M. *Do empório a Princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893- 1937)*. Salvador: UFBA, 2000. Dissertação de Mestrado.

⁴⁷ POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Salvador: Itapuã, 1968.

Somente a partir da segunda metade do século é que a Igreja Católica começa a perder espaço mais representativo para os grupos reformados,

Esse poderio do catolicismo também era refletido na esfera política, já que, de acordo com este mesmo autor, os padres católicos do município participavam ativamente da política, tanto que até 1930, a Câmara Municipal contava com pelo menos um padre entre os seus vereadores.

Tarcísio Guimarães, pesquisando a inserção dos protestantes históricos em Feira de Santana entre os anos de 1935 e 1955 no jornal *Folha do Norte* constatou o silêncio direcionado a estes. Em contrapartida, “frequentemente as reuniões católicas e sermões do clero católico eram estampados nas primeiras páginas, recebendo frequentemente manifestações de apoio por parte das lideranças políticas de Feira de Santana”.⁴⁸

Por outro lado, as religiões afro-brasileiras, na condição de religiões de escravo, tiveram seus cultos marginalizados também na cidade de Feira de Santana, quanto à sistematização destas na cidade sabe-se muito pouco, por falta mesmo de um estudo sistemático que as contemplem. Asseguramos apenas “que os negros escravos e seus descendentes organizaram terreiros e locais de cultos, especialmente na periferia da cidade e nos distritos, na zona rural”.⁴⁹

O memorialista Lagedinho, em seus relatos sobre Feira de Santana na década de 1930, “faz uma ligeira ilustração de como eram tratadas as pessoas que se envolviam com candomblés,”⁵⁰ e certificou que um poeta negro feirense, Aloísio Resende, foi discriminado, unicamente, por ser umbandista. Verifica-se, portanto a supremacia do catolicismo nas diversas esferas da sociedade feirense, dada a sua condição de religião historicamente majoritária desde o período colonial.

No que diz respeito ao espiritismo, em Feira de Santana, reafirma-se a tendência deste segmento religioso de atrair adeptos da classe média intelectualizada, segundo Zózimo Trabuco:

A presença do espiritismo kardercista em Feira de Santana fez a cidade adquirir uma importância de dimensões nacionais na década de 1990, com a

⁴⁸ GUIMARÃES, Tarcísio Farias. *O protestantismo histórico no Sertão Baiano*. Feira de Santana: Espistête. Ano 03, Vol.03, nº1, 2001, p, 113.

⁴⁹ SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira*. Feira de Santana: UEFS, 2007, p, 122.

⁵⁰ LAGEDINHO, Antônio do. *A Feira na década de 30*. Feira de Santana, 2004, p, 94.

realização da Caminhada pela Paz, organizada por Clóvis Nunes, líder espírita desde a década de 1970, e pela visibilidade do escritor Divaldo Franco, divulgador de destaque das obras e do pensamento kardecista na sociedade brasileira. O primeiro centro espírita da cidade data de 1936, e foi fundado pelo casal Deraldo e Ziza de Carvalho na Rua Castro Alves, hoje centro da cidade, com o nome Paz dos Sofredores.⁵¹

Já se tornou lugar comum nos poucos trabalhos que, de alguma forma, abordam as raízes históricas do protestantismo feirense, a recorrência ao livro da missionária neozelandesa Isobel Gillanders, traduzido por Lélia Fernandes em 1990. Intitulado “*A História Inacabada*”.⁵² De fato, é inegável a relevância desse livro enquanto fonte histórica para os estudantes do protestantismo feirense.

Segundo Isobel Gillanders, ela juntamente com seu esposo Roderick Gillanders, chegaram a Feira de Santana em 1935 e, como bons missionários da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira que eram, não fracassaram na missão a que estavam incumbidos, isto é, trazer as “boas novas do Evangelho de Jesus” para os feirenses. Em 1937 já estava organizada a Igreja Evangélica Unida de Feira de Santana que é considerada a primeira denominação protestante a se fixar na cidade.

Na década de 1960, a Igreja Evangélica Unida juntamente com outras denominações se declararam fundamentalistas adotando uma postura política conservadora, sendo assim, em 1966 esta denominação passou a se chamar Igreja Evangélica Fundamentalista.

No entanto, a presença protestante na cidade remonta ao final do século XIX, como relata Poppino: “Instalara-se em Feira de Santana, em 1889, uma missão presbiteriana que, depois de algum alguns anos de sucesso relativo, se transferiu para Ponte Nova, no sertão baiano”.⁵³ Tratava-se da presença do missionário norte-americano George Whitehill Chamberlain, o fundador do colégio Americano no Rio de Janeiro, que mais tarde se transformou no Mackenzie College. A sua passagem por Feira de Santana não foi duradoura por causa de um surto de febre amarela que custou a vida e dois filhos seus.

⁵¹ TRABUCO, Zózimo Antônio Passos. *Entre a ruptura cultural e a contextualização: A construção da identidade Batista em Feira de Santana de 1960-1995*. Relatório PROBIC. Feira de Santana. 2006, p. 16.

⁵² Recentemente esta tradutora que também é uma memorialista feirense lançou o livro “*E a História Continua...*”, pois se achou na incumbência de dar continuação as memórias da missionária Isobel Gillanders já que seu esposo é o pastor sucessor de Roderick Gillanders. Inclusive, “*A história inacabada*” compõe a primeira parte desta obra.

⁵³ *Ibid.*, p.282.

No que diz respeito à ADEFS, esta não contou com a ajuda de missionários, nos seus primeiros anos, seu fundador foi o comerciante José Carlos Guimarães que veio a Feira de Santana “tratar de negócios materiais, porém não se descuidou da recomendação do apóstolo de pregar a Palavra em tempo e fora de tempo”.⁵⁴

Ao que parece, a tradição do comércio feirense foi determinante na vinda de José Guimarães para Feira de Santana. Na ocasião das comemorações do jubileu de ouro da ADEFS, em 1989, foi publicado um informativo, e um dos seus tópicos foi denominado como *Dados Históricos*.⁵⁵ Dele podemos constatar que foi a tradicional Feira do Gado que atraiu o comerciante assembleiano: “após Deus haver chamado o irmão José, ele fez viagem a Feira de Santana em companhia do seu pai para negociar animais.”⁵⁶

Na ocasião das comemorações dos 75 anos da Assembléia de Deus no Brasil o *Mensageiro da Paz*, também fez referência à implantação da mesma em Feira de Santana:

O trabalho do Senhor em Feira de Santana, BA, teve início em 1936 através do pastor José Guimarães, atualmente presidindo a AD na cidade de Ilhéus. Na ocasião o pastor José Guimarães pediu a Deus que confirmasse sua chamada para aquela cidade, com a conversão de uma pessoa nos seus primeiros contatos. Assim, a primeira convertida foi a irmã Olívia, que aceitou, chorando, o convite. Um senhor que se encontrava no mercado municipal muito aflito, e que estava clamando que o mundo iria se acabar dentro de três dias, por indução de um artigo de jornal assinado por um padre, creu em Jesus, juntamente com suas duas filhas. Disse aquele senhor que não havia na cidade nenhuma denominação evangélica e ofereceu uma casa que de sua propriedade para realização dos cultos, localizada na “Rua do fogo”, onde então se iniciou a AD.⁵⁷

Por outro lado, a nossa entrevistada Margarida Loreto,⁵⁸ que se converteu em 1952 na ADEFS, aponta Maria Júlia dos Santos como a pioneira da ADEFS, Loreto fala ainda, que esta vendia no mercado popular. E os *Dados Históricos* que nos referimos complementa:

O irmão José Carlos foi ao centro da cidade, onde é hoje o Mercado de Arte Popular, antes mercado municipal. Ao entrar encontra uma mulher às portas do desespero, em virtude de uma notícia de um jornal que dizia que o mundo se acabaria dentro de três dias. O irmão José se aproximou dela e falou de Jesus e ela resolveu aceitar a Jesus em companhia de duas garotas (filha e sobrinha), o nome dessa senhora era Maria Júlia dos Santos, a filha Arlinda Barbosa, e uma sobrinha (que não sabemos o nome).

⁵⁴ CONDE, 2000, op. cit, p. 174.

⁵⁵ Embora não conste a autoria deste relato, suponhamos que tenha sido o então pastor da ADEFS, Severino Soares.

⁵⁶ JUBILEU DE OURO. Feira de Santana: Igreja Assembléia de Deus s/p. 1989.

⁵⁷ Agosto de 1986, *Mensageiro da paz*. Nº. 1192.

⁵⁸ Entrevista a Margarida Loreto concedida a Elizete da Silva em julho de 2005.

Com base na entrevista, a irmã Olívia citada no *Mensageiro da Paz*, era uma conhecida de José Guimarães de Valente, sua cidade natal, ela realmente foi à primeira pessoa que ele conseguiu convencer a cerca da doutrina do Batismo com o Espírito Santo em Feira de Santana, mas esta logo regressou a sua cidade. E ainda, ao que tudo indica, o senhor que este periódico faz referência, na verdade, era a pioneira da ADEFS, Maria Júlia dos Santos. E supostas filhas do novo convertido, era a filha e a sobrinha desta. Enfim, fundada em 1936, a ADEFS foi organizada como igreja em 05 de junho de 1938, tendo adquirido personalidade jurídica em 21 de abril de 1950.

As perseguições por parte dos católicos também foram recorrentes no contexto da implantação da ADEFS. Na verdade, a doutrina pentecostal incomodou até os próprios protestantes que disputavam espaço no campo religioso feirense. Uma prova disso é o relato da própria missionária Gillanders, ao expressar o seu descontentamento com os “enganadores” pentecostais:

Enquanto o pastor estava fora, membros da igreja Pentecostal aproveitaram da sua ausência, para visitar os crentes novos e convence-los de que o nosso pastor não tinha o Espírito Santo, nem também falava línguas. Tendo sido enganados pelos pentecostais, que imediatamente os batizaram. ⁵⁹

No que diz respeito à composição social da ADEFS, Sara dos Anjos⁶⁰ faz referência ao primeiro estatuto desta denominação datado de 15 de setembro de 1956, que consta as profissões dos 89 membros fundadores. As mulheres compunham a maioria, formando um total de 58, sendo que 51 delas eram domésticas ou donas-de-casa, 4 costureiras e 2 comerciantes e 1 negociante.

No que se refere aos homens, parte significativa destes buscava granjear seu sustento no tradicional comércio feirense, dos 31 membros masculinos: 5 aparecem como comerciantes e 4 negociantes. O trabalho rural também merece destaque com 4 membros. Os outros aparecem listados numa série de profissões braçais e também informais.

Assim sendo, seguindo a tendência pentecostal, a ADEFS se desenvolveu entre as camadas populares da sociedade feirense. No entanto, ela vem atingindo as classes médias, sobretudo, depois da inauguração do novo templo, considerado um dos mais

⁵⁹ GILLANDERS, Isobel. História Inacabada, 1990. IN: OLIVEIRA, Lélia Vitor Fernandes de Oliveira. *E a História Continua*. Feira de Santana: Igreja Evangélica Fundamentalista, 2007, p. 36.

⁶⁰ FERREIRA, Sara Silva dos Anjos. *O Papel da Mulher na expansão e consolidação da Assembléia e Deus em Feira de Santana (1949 -1980)*. Feira de Santana. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da UEFS, 2008.

ostensivos dentre os templos protestantes da cidade, aliás, durante todo período delimitado por esta pesquisa, ou seja, a década de 1990 há registros nas atas das dificuldades financeiras enfrentadas pelos assembleianos feirenses para que ele fosse construído.



Fig.1 Templo sede da Assembléia de Deus em Feira de Santana

Assembleianos e política em Feira de Santana: antecedentes dos anos 90

Como todo grupo religioso, os assembleianos feirenses também forjaram suas próprias maneiras de entender e viver suas experiências religiosas, elaborando formas peculiares de inserção social e interferindo no cenário político da cidade.

Num trabalho pioneiro, Igor José Trabuco da Silva traz contribuições indispensáveis para se entender às relações estabelecidas entre a ADEFS e a política. Vale salientar que o autor não se restringe a política partidária, já que, para ele, “as atividades assistencialistas e de barganha foram o caminho que, inevitavelmente, conduziram os evangélicos para a política partidária.”⁶¹.

Trabuco discorre sobre as principais entidades assistencialistas da ADEFS enquanto meios de inserção social desta denominação na sociedade feirense, a começar pelo Orfanato Evangélico da Assembléia de Deus (OEAD), uma das suas primeiras entidades, criado ainda na década de 1950, pelo pastor Manuel Joaquim da Silva e localizado na antiga Praça da República. Na década de 1980, na gestão do Pastor

⁶¹ SILVA, Igor José Trabuco da. *“Tu não participarás”: A assembléia de Deus em Feira de Santana e os dilemas da participação política. (1972 a 1990)*Feira de Santana. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da UEFS, 2008. SILVA, p. 64.

Severino Soares, o orfanato passou a funcionar no Conjunto Parque Panorama, onde está até hoje, agora sob a direção da Assembléia de Deus de Salvador, presidida pelo pastor Israel Alves Ferreira.

Ainda voltado para os órfãos, a ADEFS fundou na década de 1980 o Amparo ao Menor Abandonado (AMA), uma entidade voltada para abrigar crianças carentes. E, por fim, o Centro de Recuperação Desafio Jovem (CRDJ). Vale salientar que estas duas entidades assistencialistas foram fundadas pelo pastor Severino Soares.

O tradicional jornal *Folha do Norte*, em sua edição datada em 25 de maio de 1991, traz uma matéria que anunciava a “3º Campanha pró Desafio Jovem” promovida pelo então pastor presidente da ADEFS, Firmino Herculano dos Santos, esta campanha tinha como objetivo “chamar a atenção da comunidade e obter ajuda pra realização de melhoramento no centro de recuperação Desafio Jovem, destinado ao atendimento de pessoas viciadas em tóxicos e bebidas alcoólicas”.⁶²

Esta mesma matéria traz um breve histórico do CRDJ:

O Desafio Jovem foi criado em 1979 por um grupo de membros da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, funcionando provisoriamente em uma chácara emprestada no bairro do tomba. No ano seguinte depois de uma ampla campanha e ajuda de políticos e empresários foi adquirido uma área de sete hectares às margens da BR 101, distrito de Humildes onde hoje funciona.⁶³

Portanto, essas atividades assistencialistas além de atribuir visibilidade aos assembleianos feirenses perante a sociedade, estabeleceram relações entre estes e o poder público local em torno da implantação e manutenção das mesmas.

No que se refere à política partidária, o antropólogo Paul Freston em sua tese de doutoramento, considera a Constituinte de 1986 um marco determinante para a inserção dos pentecostais na política, sobretudo, por conta da entrada de candidatos oficiais das denominações pentecostais, com destaque para a Assembléia de Deus. Aliás, para este autor, é a partir daí que os evangélicos descobrem o seu potencial eleitoral, para ele, a Constituinte foi o estopim para a politização pentecostal.⁶⁴

⁶² *Jornal Folha do Norte*. Feira de Santana. 25.05.1991, p.3.

⁶³ *Jornal Folha do Norte*. Feira de Santana. 25.05.1991, p.3.

⁶⁴ FRESTON, *Protestantes e política no Brasil: Da Constituinte ao impeachment*. Tese de Doutorado. São Paulo: Unicamp, 1993.

No entanto, Trabuco da Silva ao considerar que a atuação política dos evangélicos deve ser avaliada levando em consideração as especificidades históricas de cada cidade, constata que a participação política dos assembleianos feirenses, nossos sujeitos de estudo, remonta a década de 1950, com o pastor Manoel Joaquim que chegou a tentar uma vaga na Assembléia Legislativa. Sendo assim:

Não podemos atribuir uma neutralidade política antecedentes a 80, bem menos atribui à Constituinte o despertar da consciência evangélica. Os evangélicos já tinham uma consciência política, contudo buscavam administrá-la em meio as normas e doutrinas dos grupos evangélicos, sobretudo os de base pentecostal, que a negava. Com isto não pretende ignorar a Constituinte, mas afirmar que ela não foi fator determinante para o despertar da consciência política evangélica.⁶⁵

Na verdade, Freston não foi o único a atribuir a Constituinte de 1986 o despertar da consciência política no universo pentecostal, outros autores também compactua com essa idéia.⁶⁶ Este é o caso de Antônio Flávio Pierucci, que na tentativa de avaliar a atuação dos evangélicos conservadores no Congresso Constituinte, chama atenção pra um fator bem significativo que é a mudança de olhar da mídia em geral no que se refere aos protestantes.

Não mais circunscritos aos seus próprios meios confessionais de comunicação de massa (jornais, revistas, rádios e programas de TV), eles passaram, desde janeiro de 1987, a ter presença mais constante e destacada na grande imprensa laica, no Diário da Constituinte pelo rádio e pela televisão, e em outros noticiários radiofônicos e televisivos de grande audiência. Numa palavra, viraram notícia a partir do início de 1987.⁶⁷

De acordo com este autor a bancada evangélica era a quarta maior do Congresso Constituinte ficando atrás apenas do PMDB, do PFL e do PDS. Assim, o despertar da consciência política para alguns grupos evangélicos, certamente, antecedeu a Constituinte de 1986, porém, a expressividade numérica da bancada evangélica fez com que os protestantes alcançassem uma maior notoriedade nos meios de comunicação, no caso assembleiano, isto resultou na sistematização de candidaturas de membros do próprio grupo. Inclusive, foi no contexto das eleições para Constituinte de 1986 que Josué Silvestre, um jornalista assembleiano e assessor do Senado Federal, lançou o livro *Irmão vota em Irmão*, onde ele traz uma justificativa bíblica, muito bem elaborada, de

⁶⁵ SILVA, Igor José Trabuco da. *“Tu não participarás”: A assembléia de Deus em Feira de Santana e os dilemas da participação política. (1972 a 1990.)*. Feira de Santana. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da UEFS, 2008, p.67.

⁶⁶ Certamente, isto se deve a expressividade numérica da famosa bancada evangélica eleita em 1986 e constituída por um conjunto de 33 congressistas protestantes na Assembléia Constituinte. Sendo que 18 deles eram pentecostais, dentre estes 14 eram da Assembléia de Deus.

convencimento às comunidades evangélicas a só votarem nos seus irmãos de fé, como no trecho a seguir:

No dia 15 de novembro próximo, os evangélicos brasileiros terão uma excelente oportunidade para testar a firmeza das suas convicções cristãs. Para dizerem a si mesmo e aos outros, que a marca deixada por Jesus como indicativa dos seus seguidores – o amor –, continua valendo e estará evidenciada na eleição de um enorme continente de candidatos evangélicos.⁶⁸

Se já na década de 1950 existiu um candidato vinculado a ADEFS, somente em 1972 é que um de seus membros, Gerson Gomes da Silva, conseguiu se eleger vereador de Feira de Santana. Porém, carreira política deste assembleiano, a qual consolidou a inserção da ADEFS na política partidária, se deu num período de maior efervescência da conjuntura política de Feira de Santana já que em 1962, com o apoio de seu pastor, Severino Soares, se candidatou a vereador pelo PR, perdendo a eleição.

Os primeiros anos da década de 1960 foram marcados por disputas bastante acirradas, por conta da candidatura de Francisco Pinto da Silva a prefeito em 1962 pelo PSD (Partido Social Democrático).

O PSD era um partido formado principalmente por donos de terra e pecuaristas. Talvez venha daí a predileção de Francisco Pinto, sendo ele mesmo originário de uma família de fazendeiros e donos de uma destilaria. Um partido bastante parecido com o nosso personagem, hábil, negociador, eleitorista e até mesmo com certa tradição coronelista.⁶⁹

Em contrapartida, porém, durante sua campanha ele se aproximou das camadas populares, fazendo oposição às velhas oligarquias locais concentradas na União Democrática Nacional (UDN). Na verdade, desde quando foi eleito a vereador em 1950, o então estudante de direito Francisco Pinto, desenvolvia uma política voltada para os segmentos desfavorecidos da sociedade feirense.

De acordo com Trabuco, “a aproximação inicial na política partidária por Gerson Gomes foi com Francisco Pinto. Gomes tinha penetração nos meios sociais feirenses, sobretudo entre os evangélicos, o que atraía Pinto, dada sua característica popular.”⁷⁰

⁶⁷ PIERUCCI, Antônio Flávio. *Representantes de Deus em Brasília: A Bancada Evangélica na Constituinte*. In: PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo. *A realidade Social das Religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. Ed. Hicitec. São Paulo, 1996, p. 168.

⁶⁸ SYLVESTRE, Josué. *Irmão vota em irmão: os evangélicos a constituinte e a Bíblia*. Brasília. Pergaminho, 1986. p. 53.

⁶⁹ GOMES, Igor. *Na Contramão do sentido: Origens e trajetória do PT de Feira de Santana*. Bahia. (1979-200). Niterói. UFF, 2007, p.52.

⁷⁰ SILVA, Igor José Trabuco da. op. cit., p. 74.

Com a vitória de Chico Pinto, como ficou conhecido posteriormente, nas eleições municipais de 1962, as tensões políticas se acirraram em Feira de Santana.

Na Câmara de Vereadores, sob a presidência de Joselito Falcão Amorin, resistirá, como uma espécie de batalhão de choque, a maioria de vereadores da UDN que, de repente, viram-se oposicionistas. Os pronunciamentos deste grupo serão diários, fustigando e combatendo a nova gestão, que assume feições nitidamente populares ao executar, de imediato, as plataformas firmadas em campanha. Os confrontos registrados na Câmara de vereadores atestam a gravidade das tensões, iniciadas desde o transcorrer dos embates eleitorais, sem precedentes na história local, diante de uma oposição ferida e perplexa, face as manifestações populares, cada vez mais expressivas, de apoio e solidariedade ao prefeito eleito que, nesse contexto da história, desapontava como importante liderança regional.⁷¹

A implantação imediata do ginásio Municipal por Chico Pinto, aflorou os ânimos dos udenistas que protelaram ao máximo a proposta, provocando uma manifestação estudantil que resultou na depredação do prédio da Câmara Municipal no dia 29 de novembro de 1963.

Este episódio que ficou conhecido como Quebra-Quebra serviu de desculpa para as forças conservadoras abrir um Inquérito Policial e Militar com o objetivo de depor e prender o prefeito, o que de fato aconteceu após 1964, já no contexto da ditadura militar no Brasil. Estes acontecimentos renderam a Feira de Santana à fama de cidade oposicionista, em contrapartida a repressão militar na “cidade vermelha” fez jus a sua popularidade.

Durante a Ditadura Militar, o assembleiano Gerson Gomes da Silva se elegeu vereador pelo MDB em 1972, emendando o mandato, em 1976.

Com a carreira em ascensão foi eleito deputado estadual em 1978. Em 1982 disputou o pleito, agora já como candidato a prefeito de Feira de Santana. O malogro das eleições e conflitos internos do partido levou a sua saída do MDB, Passando para o PDS, como assessor de João Durval Carneiro, então governador da Bahia. Seu último cargo político foi como deputado estadual, pelo PFL (ex-PDS e atual Democrata).⁷²

Vale ressaltar, que Gerson Gomes não foi o único a se candidatar com o aval da ADEFS no período da ditadura militar, José Marques de Souza fala de uma oficialização de candidatos por parte da liderança eclesiástica que acontecia da seguinte maneira: “fazia o ministério reunir e com o voto do ministério reunido, aí se apoiava

⁷¹ SANTOS, Ana Maria F. dos. *O Ginásio Municipal no Centro das lutas populares em Feira de Santana (1963-1964)*. Sitientibus. Feira de Santana, n°24, jan./jun. 2001, p.37.

⁷² SILVA, Igor José Trabuco da. op. cit., p. 73.

dois candidatos, podia até aparecer mais, mas o ministério só tinha compromisso com dois, dois candidatos, e aí agente entrava em cena pra fazer campanha.”.⁷³

Sendo assim, além da candidatura de Gerson Gomes a prefeito, a ADEFS se comprometeu com dois candidatos oficiais a vereador nas eleições de 1982, sendo que um deles foi o nosso entrevistado.

... Tinha na igreja dois candidatos, um pela Arena – que era Arena na época - e outro pelo MDB - que era MDB ainda. Então eu era MDB e Valdeir era Arena. Agora, para que não existisse, assim, uma discordância a igreja apoiou dois candidatos. Começou daí, dois candidatos, eu e Valdeir. A tendência da igreja era muito chegada a Colbert, então eu fui bem aprovado.⁷⁴

O interessante é que os dois candidatos, ambos oficializados para representar a mesma denominação, parecem que ficam em pólos opostos no que se refere à filiação dos partidos políticos.

No entanto, não podemos perder de vista o caráter heterogêneo do MDB, nacionalmente falando. Igor Gomes ao abordar aspectos políticos da história recente de Feira de Santana afirma que: “Conviviam dentro dele os ‘adesistas’, isto é, aqueles que estavam sempre prontos a colaborar com o regime militar e que se mantinham no MDB na maioria das vezes devido ao maior desempenho eleitoral ‘das oposições’.”.⁷⁵

Este mesmo entrevistado, avaliando a campanha de Gerson Gomes a prefeito de Feira de Santana, com quem ele teve filiação política, nos ajudar a pensar sobre qual seria o perfil ideal de um candidato do ponto de vista assembleiano.

Ele sempre foi um candidato bom, pacato, direito nos negócios dele nas coisas que ele fazia como político e nunca foi de se meter e como cristão ele nunca foi em lugares que não deveria ir nem como político. Como político ele até sofreu uma derrota como prefeito, porque ele não se curvou... Várias vezes, nas festas de igrejas que todo mundo se ajoelhava na frente dos ídolos e ele ficava em pé. Aí agora pronto, isso deu problema na candidatura dele porque ele não se dobrava a idolatria, aí que era difícil pra ele, entendeu? Como aconteceu várias vezes em Bomfim de Feira, nos distritos, aqui mesmo. Mas ele não acompanhava essas festas de sair com o andor carregando, não. Ele não fazia isso de jeito nenhum, ele não acompanhava as caminhadas religiosas ou da Igreja Católica, não. Ele como cristão ele não ia. Por isso ele já se elegeu com os votos da igreja quando foi candidato a vereador. Ele foi.⁷⁶

Ou seja, na sua avaliação fica claro que a postura de um candidato assembleiano devia estar de acordo com a ética-comportamental da Assembléia de Deus, portanto,

⁷³ Entrevista a José Marques de Souza concedida à autora em fevereiro de 2008.

⁷⁴ Entrevista a José Marques de Souza concedida à autora em fevereiro de 2008.

⁷⁵ GOMES, Igor. 2007. op. cit, p.55.

⁷⁶ Entrevista concedida em fevereiro de 2008.

anti-católica, inclusive negando a condição de Cristãos dos católicos, já que a veneração de imagens consiste no pecado da idolatria

Waldeir Pereira foi o único candidato assembleiano que conseguiu se eleger nas eleições municipais de Feira de Santana de 1982. Segundo a memorialista Lélia Fernandes, seus projetos foram “votados para os interesses morais e espirituais e de cidadania, para o bem estar do feirense. Um Projeto de Lei, datado de 15 de maio de 1984 foi o de entronização da Bíblia no recinto da Câmara.”⁷⁷

O já citado Igor Trabuco também faz referência a sua atuação política, segundo ele, Waldeir Pereira se posicionou em defesa das instituições da ADEFS. Portanto, durante a sua atuação como vereador, manteve os vínculos com o seu grupo religioso. .



Fig. 2. Waldeir Pereira entregando certificado a um formando do Centro de Recuperação Desafio Jovem, a sua esquerda o político assembleiano Gerson Gomes. Esta formatura ocorreu na década de 1980.

⁷⁷ OLIVEIRA, Lélia Vitor Fernandes de Oliveira. *Inquilinos da Casa da Cidadania*. Feira de Santana: Fundação Cultural Egberto Costa. 2006, p.273.

CAPÍTULO 3 – Assembleianos Feirenses e política na “Década da Colheita”

Então lhes disse: Dai, pois, a César o que é de César e a Deus, o que é de Deus.

(Mateus 22:21. Bíblia Sagrada)

Adotando uma tradição protestante, a Assembléia de Deus em Feira de Santana desde a sua implantação na década de 1930, conta com a Escola Bíblica Dominical como um espaço de ensino das suas doutrinas. Esta funciona aos domingos pela manhã e o principal material didático utilizado pelos professores é a revista trimestral *Lições Bíblicas*, baseada numa delas constatamos que em janeiro de 1990, foi aprovado em Assembléia Geral Ordinária da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (CGADB) o projeto intitulado *A Década da Colheita*, o qual estabeleceu as metas oficiais da denominação para a década de 1990, período cronológico delimitado pela presente pesquisa, a saber:

- a) Levantar um exército de três milhões de intercessores;
- b) Ganhar 50 milhões de almas para Cristo;
- c) Preparar 100 mil obreiros dispostos a trabalhar na seara do Mestre;
- d) Estabelecer 50 mil novas igrejas em todo Brasil; e
- e) Enviar novos missionários para outras nações.⁷⁸

Portanto, a orientação nacional era que as instituições assembleianas se dedicassem, prioritariamente, a evangelização. Porém, o comentarista da revista, o pastor Jeremias do Couto, ao definir os desafios que deviam ser superados para que se alcançassem os objetivos do projeto, alerta para “os perigos decorrentes da institucionalização”.

Os primeiros desafios a serem encarados são de caráter interno. Vamos analisá-los. Um deles é a institucionalização da igreja, que deixou de ser um movimento, sem maior estrutura, onde cada pessoa imbuída de um sentimento de missão cumpria o seu papel evangelizador, para transformar-se, hoje, numa instituição respeitada, com forte estrutura já arraigada, na qual despontam funções elevadas, atraindo até mesmo a atenção da imprensa e do poder político, este mais com propósitos eleitorais do que visando, de fato, trazer benefícios reais à igreja.⁷⁹

Deste modo, a Assembléia de Deus, então considerada a maior denominação protestante do País na busca pela manutenção do seu crescimento, estava consciente do seu potencial eleitoral. Por outro lado, mostrava-se desconfiada com relação ao poder

⁷⁸ Revista da Escola Bíblica Dominical. Lição 1, 1º trimestre de 1993, p.4. O projeto *A Década da Colheita* foi o tema central desta série de Lições Bíblicas.

⁷⁹ Revista da Escola Bíblica Dominical. Lição 2, 1º trimestre de 1993, p.8.

político já que, ela apoiou a candidatura de Fernando Collor de Mello nas eleições de 1989 e este ao invés “de trazer benefícios reais a igreja”, como disse o pastor Geremias Couto, sofreu um impeachment por conta da sua corrupta atuação enquanto presidente.

Ricardo Mariano e Flávio Pierucci, discorrendo sobre o envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor, chegam a falar em um pânico pentecostal diante da candidatura petista já que, para a maioria dos pentecostais, Lula era a personificação do comunismo ateu, que por sua vez implicava na ausência de liberdade religiosa.

Os autores fazem referência a uma entrevista concedida pelo presidente da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil, o pastor José Wellington Bezerra, em fevereiro de 1992, na qual ele diz que apesar da tradicional postura apolítica da Assembléia de Deus, a mesma foi obrigada a eleger candidatos próprios para a Constituinte de 1986, pois a sua rival histórica, a Igreja Católica, queria prioridades que comprometia a liberdade de culto dos evangélicos e, por fim, assegurou que foram os assembleianos que garantiu a vitória de Collor.

Não dispomos de números exatos para mensurar o potencial eleitoral da Assembléia de Deus nas eleições de 1989, mas também não podemos ignorar a dimensão do seu apoio ao candidato da direita.

O envolvimento de políticos pentecostais na campanha de Collor foi de tal ordem que alguns deles atingiram o *status* de coordenadores da campanha. O deputado federal Salatiel Carvalho (PRN/ PE), pastor da Assembléia de Deus, foi o coordenador nacional da campanha de Collor entre os evangélicos. Já em 14 de outubro, ainda no primeiro turno, organizou na cidade de São Paulo um encontro nacional de evangélicos.⁸⁰

Esta politização sistemática da Assembléia de Deus passa ser repercutida na literatura produzida pelo grupo. Ao analisar as *Lições Bíblicas* da década de 1990, percebemos que, embora as questões políticas não tenha sido um tema muito recorrente nota-se que a visão de afastamento das coisas do mundo incluindo a política, que foi a posição oficial por várias décadas, não aparece mais de forma tão rígida.

Quando se trata do relacionamento cristão com a sociedade, o versículo bíblico da nossa epígrafe é muito enfatizado já que, para os comentaristas da *Lições Bíblicas*, se trata de um posicionamento de Jesus sobre a ética, os princípios morais e as

⁸⁰ MARIANO, RICARDO e PIERUCCI, Antônio Flávio . *O Envolvimento dos Pentecostais na Eleição de Collor*. In: PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo. *A realidade Social das Religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. Ed Hicitec. São Paulo, 1996, p. 203.

responsabilidades civis. Eis a idéia central: “os crentes como cidadão, cumprem seus deveres civis e políticos (dão a César o que é de César) e, como igreja, mantêm sua lealdade suprema a Deus (dão a Deus o que é de Deus)”.⁸¹

Portanto, apesar de manter a visão dicotômica entre as coisas de Deus e as coisas do mundo, a idéia não é a de se apartar destas, a política não é mais vista como uma coisa mundana.

É o que se constata num artigo escrito pelo pastor José Apolônio e publicado no jornal *Mensageiro da Paz*, que desde a década de 1930 exerce a função de doutrinação dos assembleianos brasileiros. Admoestando sobre a mentira ele afirma: “A política como arte de governar e administrar é uma ciência que deve ser aprendida, exercida e executada, mas a política como mentira, suborno e meio de enganar é uma desgraça.”⁸²

O pastor Geremias do Couto, na condição de comentarista da *Lições Bíblicas* em 1996, faz questão de enfatizar que a “vida com Cristo não significa isolamento com o mundo”⁸³. Na verdade, a sua preocupação está na forma como os assembleianos se inserem na sociedade, esta inserção deve se dá de forma diferenciada.

Estudando os assembleianos feirenses, Maria Izabel Sampaio constatou que na visão de mundo destes, uma vez convertido, deve-se mudar o seu comportamento diante da sociedade “as crenças anteriores, as certezas, os desejos, as concepções, os assembleianos acreditam que foram totalmente alteradas”.⁸⁴

A submissão as autoridades e a obediência as leis também são orientações indispensáveis dos comentaristas da *Lições Bíblicas*:

A bíblia nos ordena a submissão ao governo (Ec 8.2; Lc 2. 25; 2 Pe 2.17) e obediência às leis, sabendo, contudo que nossa lealdade suprema é devida somente a Deus. Fala-se muito hoje em cidadania, mas o efeito disso, na maioria, não vai além da superfície. Que o Senhor nos mova pelo Espírito a orar muito mais pela nossa nação, pelo seu povo e governo (1Tm 2. 1,2).⁸⁵

⁸¹ COUTO, Geremias do. Lição 12, 4º trimestre de 1998, p. 86.

⁸² APOLÔNIO, José. *A Mentira causa e efeito*. Mensageiro da Paz, março de 1991. Este artigo encontra numa coletânea publicada pela CPAD em 2004 intitulada: Mensageiro da Paz: Os artigos que marcaram a história e a teologia do Movimento Pentecostal no Brasil.

⁸³ COUTO, Geremias do. Lição 6, 1º trimestre de 1996, p. 46.

⁸⁴ SAMPAIO, Maria I. da Silva. *Representações do processo saúde-doença entre os pentecostais da Assembléia de Deus em Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS. 2003. (Dissertação de Mestrado). p. 70.

⁸⁵ GILBERTO, Antonio. Lição 4, 4º trimestre de 1996, p. 30.

Vale salientar, que essa ênfase na obediência a Deus acima de tudo, abre brecha para muitos fiéis justificar a insubmissão não só a autoridades políticas como também aos seus próprios líderes religiosos.

Outro fato interessante a ser destacado, é que a prática da oração é vista como verdadeiro exercício da cidadania, isto se deve a importância atribuída à oração no mundo protestante, e pentecostal, em particular. Oração entendida aqui como um diálogo espontâneo com Deus, no qual o fiel, além de prestar-lhe adoração, suplica pela solução dos seus problemas e dos outros.

Portanto, diante dessa visão da literatura oficial da Assembléia de Deus no Brasil, quais as representações políticas dos assembleianos feirenses? Estavam atentos aos perigos da institucionalização? .

Seguindo o padrão das Assembléias de Deus no Brasil, no topo da hierarquia eclesiástica da ADEFS está o pastor-presidente, o qual a partir do templo sede no centro da cidade se responsabiliza por todas as congregações dos bairros que geralmente são dirigidas por presbíteros. Constatamos na leitura das atas que em 1995 o campo da ADEFS foi dividido em sete setores, e cada um deles passou a ter um pastor que submisso ao presidente se responsabilizava por um conjunto de congregações. Esta constatação aponta para a significativa expansão, seguida da crescente institucionalização desta denominação durante o período aqui estudado.

Tendo em vista esse crescimento significativo da ADEFS na “Década da colheita”, o seu envolvimento nas eleições municipais de 1992 se deu com as candidaturas a vereador do pastor Severino Soares e do membro Urbano Matos. A carreira política de ambos tem motivações bem peculiares, traçaremos aqui o caminho percorrido por eles. Porém, considerando que, dentro do limite cronológico estabelecido pelo nosso trabalho, o pastor Severino Soares foi o único assembleiano que atuou como vereador na cidade de Feira de Santana (1994-1996), a sua trajetória será esboçada num subtópico específico, onde analisaremos também a sua atuação na Câmara de Vereadores.

Urbano Cerqueira Matos se tornou membro da ADEFS na década de 1970, na gestão do pastor Luís Santana Santos, envolvido com questões pertinentes ao assistencialismo, trabalhou nas campanhas políticas de Gerson Gomes dos Santos, que

como vimos no capítulo anterior foi o primeiro candidato do grupo a atuar na Câmara Municipal.

No entanto, ao ser transferido pela Petrobrás em 1975 para o município de São Sebastião do Passé, ele próprio se tornou um político notório, e ao se candidatar a vereador pelo MDB naquela cidade, em 1982, conseguiu se eleger com o apoio dos evangélicos, inclusive, foi o vereador mais votado. Em 1990, já aposentado, voltou a residir em Feira de Santana, onde deu continuidade a sua carreira política.

Vendo que o trabalho social tinha valor e que outros, às vezes não tinham trabalho social e era candidato, então me achei na condição de ser um dos candidatos. Em 1992 tive uma votação de 870 votos, fui o décimo oitavo candidato mais votado dos 21⁸⁶, por um problema de legenda eu não alcancei uma votação satisfatória.⁸⁷

Ou seja, entrar na política partidária era uma forma dele mesmo votar seus projetos assistencialistas. Em 1992, Urbano Matos foi candidato a vereador pelo PMDB apoiado por Colbert Martins da Silva, principal herdeiro político de Francisco Pinto em Feira de Santana, que conseguiu a vitória nas eleições para prefeito desta cidade em 1988 ao derrotar Sergio Carneiro (PDS), filho de João Durval Carneiro, um político com nome reconhecido no interior da Bahia. Porém, nas eleições de 1992, Colbert não se re-candidatou a prefeito, pois estava com a saúde debilitada por conta de uma doença que lhe deixou de cadeira de rodas.

Segundo Igor Santos, o PMDB não vivenciava um bom momento, “quando Colbert Martins não estava nas disputas das eleições para prefeito foram muito mais difíceis as vitórias eleitorais para o PMDB.”⁸⁸

Na verdade, nas eleições de 1992, os dois candidatos assembleianos não conseguiram se eleger, o Pastor Severino Soares ficou na primeira-suplência do PMN e só assumiu o cargo na Câmara de vereadores porque o vereador José Martins Vitória venho a falecer em abril de 1994.

Já no que se refere às eleições municipais de 1996, encontramos um pronunciamento nas atas da ADEFS referente à oficialização de candidatos a vereadores feito numa reunião da membresia em novembro de 1995, na qual o então pastor

⁸⁶ Ele faz referência aos 21 candidatos do seu partido, PMDB.

⁸⁷ Entrevista concedida a autora em fevereiro de 2009.

⁸⁸ SANTOS, Igor Gomes. Na contramão do sentido: origens e trajetória do PT de Feira de Santana. Bahia. (1979-2000). Niterói. UFF, 2007, p.60.

presidente, Wolmar Alcântara, depois de ter cumprido a tradicional liturgia, apresentou os três nomes dos candidatos que teriam o apoio do grupo, e ainda fez alusão a formação de uma comissão política.

Prosseguindo o senhor presidente apresentou os candidatos à eleição para vereadores: Pastor Severino Soares, Presbítero Lucivaldo Teixeira e o Auxiliar Urbano Matos, aprovados pelo ministério dessa igreja, com acesso as congregações para suas campanhas. Também mencionou a comissão política da igreja composta por Pr. Itamar Fernandes, Pr Adailton Alcione Silva, Pb. Raimundo Leal, Pb José Marques, Pb José Uires Oliveira e Pb. Roque Silva, sendo aprovados pela igreja.⁸⁹

Não temos dados precisos para mensurar o número de membros no período, podemos assegurar, no entanto, que eram mais de 6.000 já que, em uma matéria publicada no tradicional jornal *Folha do Norte*,⁹⁰ em março de 1991, a qual fez referência a ADEFS, o então pastor Firmino Herculano dos Santos afirmou que contava com aproximadamente este número de membros. Devemos levar em consideração ainda, que este foi um período de expansão da denominação na cidade. Portanto, a ADEFS tinha um potencial eleitoral considerável. Caso contrário, não ousaria oficializar a candidatura de três candidatos concomitantemente nas eleições de 1996.

Assim sendo, os dois candidatos das eleições anteriores voltaram a concorrer uma vaga no legislativo municipal só que agora com mais um concorrente assembleiano, o Presbítero Lucivaldo Teixeira.

Lucivaldo Teixeira desde a sua infância freqüentava ADEFS com a sua mãe, porém, passou um bom tempo afastado da denominação. Ao retornar em 1984 se tornou um membro ativo, então foi convidado a exercer a função de auxiliar, depois de algum tempo, dirigindo algumas congregações, foi consagrado ao ministério de presbítero.

Sua inserção na vida pública se deu através da indicação de Waldeir Pereira, um membro da ADEFS que, como vimos no capítulo anterior, conseguiu se eleger a Câmara Municipal nas eleições de 1982. Ao se candidatar a vereador, mesmo apoiado pela hierarquia eclesiástica, Lucivaldo Teixeira mostrava-se consciente que poderia se esbarrar nas tradicionais representações políticas dos assembleianos, era preciso convencer a membresia que política não era pecado:

E, no ano de 1996 nós colocamos nosso nome para apreciação popular, naquela época, ainda incipiente na política nós começamos, assim,

⁸⁹ Ata da ADEFS n° 482, 01 de janeiro de 1994.

⁹⁰ *Jornal Folha do Norte*. Feira de Santana. 25.05.1991, p.3.

desenvolver ações que visavam mostrar ao povo evangélico que o segmento, muito embora, tivesse no passado tido uma dura retração por conta de alguns pastores conservadores a época e, talvez, com a mentalidade um pouco equivocada, afastava o povo do exercício político.

Nós entediávamos a época, que a igreja precisava de um representante para defender seus interesses e até, porque não dizer, brilhar lá fora no meio político, mostrando que a classe tinha pessoas aptas e capacitadas para o exercício da função.⁹¹

Mesmo conseguindo uma quantidade de voto relativamente pequena, o presbítero Lucivaldo Teixeira mostrou-se confiante para as próximas eleições:

Em 1996 nós conseguimos 450 votos. Entendíamos que era uma votação ainda insignificante para alcançar um mandato, entretanto, nós tínhamos em mente que era o primeiro mandato que nós estamos pleiteando e que no futuro nós poderíamos com ajuda de um grupo que então nascia naquela época que era um grupo assim de mente mais aberta nós poderíamos quem sabe chegar ao convencimento da membresia.⁹²

Ao que tudo indica, “o grupo de mente mais aberta” dos qual o candidato faz referência era a mesma comissão política encontrada em ata, embora outro entrevistado tenha dito que ela não foi ativada, certamente esta comissão atuou consolidando as disputas dentro do próprio grupo em torno dos três candidatos.

Em outros trechos da entrevista, Lucivaldo Teixeira demonstra que a sua aspiração por uma vaga no legislativo municipal era uma forma de que leis que contemplassem o segmento evangélico fossem redigidas, já que “as leis injustas são feitas pelos infiéis e não pelos fiéis”. Essa sua fala está em perfeita consonância com o do comentarista da revista *Lições Bíblicas*:

Mas o governo humano na face da Terra é predominantemente humanista, por estar alienado de Deus e de sua Palavra. Suas leis não são justas, nem equânimes, com raras exceções. Um cristão no governo, seja qual for a esfera (municipal, estadual e federal), bem como integrando o corpo legislador de associações cívicas já mencionadas, deve considerar isso.⁹³

Portanto, durante a campanha eleitoral de 1996, o eloquente presbítero Lucivaldo Teixeira buscava convencer a membresia assembleiana de Feira de Santana que a mesma precisava de um representante político. Esta preocupação de Lucivaldo Teixeira demonstra que apesar do envolvimento significativo dos detentores dos bens simbólicos (pastores, presbíteros e diáconos) com a política partidária, muitos assembleianos ainda persistiam na tradicional concepção pentecostal de distanciamento das coisas do mundo

⁹¹ Entrevista concedida a autora em fevereiro de 2009.

⁹² Entrevista concedida a autora em fevereiro de 2009.

⁹³ GILBERTO, Antonio. Lição 4, 4º trimestre de 1996, p. 30.

a qual se aplica a política. Pierre Bourdieu retrata essa disputa entre leigos e eclesiásticos no campo religioso a qual ele ver com uma luta dos primeiros pela:

... supressão dos intermediários, isto é, recusa dos comentadores e comentários, dos “símbolos eclesiásticos obrigatórios entendidos como fontes de interpretação”, e mais a vontade retornar a letra mesma da fonte sagrada e de reconhecer como autoridade apenas o *preceptum evangelicum*; denúncia do monopólio sacerdotal e recusa da graça institucional em nome da distribuição igual do dom da graça que aparece também através da busca de uma experiência direta de Deus como através da exaltação da inspiração divina capaz de permitir a inocência, ou melhor, à *stultitia* dos humildes e dos “pobres cristão”, professar os segredos da fé melhor que os eclesiásticos corrompidos.⁹⁴

Sendo assim, apesar de toda a argumentação bíblica dos candidatos subsidiada, inclusive, pela literatura editada pela própria denominação, a maioria dos assembleianos feirenses recusara a intermediação dos líderes eclesiásticos quanto aos seus posicionamentos frente à política. Nas eleições de 1996 nenhum dos candidatos oficiais da ADEFS conseguiu se eleger, desta vez, Urbano Matos tinha se candidato pelo PSB e obteve 930 votos.

É interessante ressaltar, que às vésperas das eleições foi um período de transição de pastores. Em agosto de 1996, o pastor Wolmar Alcântara se despediu de Feira de Santana e Carlos Alberto Tolentino foi empossado como pastor-presidente da ADEFS. O novo pastor não chegou confirmar oficialmente apoio a nenhum candidato, esta postura, no entanto, não nos permite afirmar que ele mantinha a visão de apartamento das coisas do mundo, evitando assim, envolvimento com políticos.

Ao contrário, no dia da sua posse na ADEFS, uma caravana de Simões Filho, cidade onde até então ele pastoreava, veio lhe prestigiar e o representante da mesma, o presbítero Gerson Costa, declarou em seu caloroso discurso “que a igreja, autoridades e até o executivo da cidade de Simões Filho tem em seus corações sentimentos profundos pelo deslocamento do Pastor Carlos Tolentino para esta cidade”⁹⁵. Portanto, já era prática do pastor Carlos Alberto Tolentino o envolvimento com lideranças políticas.

Na leitura das atas, percebemos que em consonância com o Estatuto e Regimento Interno do grupo, durante a década de 1990, anualmente, ocorria uma sessão administrativa para eleição da nova diretoria. Cédulas de votação eram distribuídas entre os membros os quais escolhiam o vice-presidente, dois secretários, dois

⁹⁴ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 65.

⁹⁵ Ata da ADEFS nº 514, 25 de agosto de 1996.

tesoureiros e um Conselho de Finanças. O mais interessante, porém, é que nomes como de Waldeir Pereira dos Santos e o de Lucivaldo Teixeira aparecem concorrendo a esses cargos administrativos da ADEFS. Ou seja, a política interna do grupo, de certa forma, também era um caminho para política partidária.

Em julho de 2000 o pastor Carlos Tolentino rompeu com a Convenção Estadual das Assembléias de Deus na Bahia (CEADEB), e aderiu o Grupo dos 12⁹⁶, fundando a Assembléia de Deus Missão Boas Novas em Feira de Santana. Embora não conste em ata que ele tenha oficializado candidaturas para as eleições de 2000, Urbano Matos⁹⁷ acredita que se o pastor Carlos Alberto Tolentino tivesse permanecido na presidência da ADEFS, ele teria sido eleito.

Vale registrar aqui, que além dos candidatos citados, segundo os nossos entrevistados outros assembleianos se candidataram nas eleições da década de 1990, porém sem o aval dos seus líderes religiosos, e com uma votação relativamente insignificante.

O perfil do Pastor Severino Soares

A trajetória do pastor Severino Soares enquanto assembleiano se confunde com a própria história da ADFS. Feirense, nascido em 29 de novembro de 1926, aos 11 anos de idade se converteu ao pentecostalismo na ainda incipiente ADFS, juntamente com a sua mãe, Torquata Soares, que viria a ser um das fundadoras do Círculo de Oração⁹⁸ na cidade de Feira de Santana.

Em junho de 1939 numa vigília em Pedra Canôa recebeu a marca distintiva dos pentecostais, o batismo com o Espírito Santo. E em dezembro do mesmo ano, foi

⁹⁶ Um movimento que ocorreu em 1991 no protestantismo colombiano baseado numa estratégia de crescimento que se compara com a divisão celular. Sendo que, cada “célula” é composta por doze pessoas representando os doze apóstolos.

⁹⁷ Entrevista concedida a autora em fevereiro de 2009.

⁹⁸ O Círculo de Oração é um encontro dirigido por mulheres assembleianas as quais se reúnem semanalmente nas suas respectivas congregações para orar e meditar na Bíblia Sagrada. Sobre isto ver: FERREIRA, Sara Silva dos Anjos. *O Papel da Mulher na expansão e consolidação da Assembléia e Deus em Feira de Santana (1949 -1980)*. Feira de Santana. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da UEFS, 2008.

batizado nas águas pelo pastor José Moreira, o primeiro substituto do pastor José Guimarães, fundador da ADFS. Ainda muito jovem “foi chamado ao Santo Ministério, através de uma visão especial em que Jesus lhe dava a mão e concluiu dizendo-lhe: Paz seja contigo!”⁹⁹.

Enquanto pastor, presidiu a Assembléia de Deus em várias cidades do estado da Bahia, sendo que, em algumas delas, ele foi o pioneiro. Chegou a ser enviado pela Assembléia de Deus do Brasil como representante a 26 países, dentre eles, Equador, Guiana Francesa e muitos do continente africano.

Em Feira de Santana, foi pastor presidente em duas gestões, ou seja, do templo central ele presidia todas as congregações vinculadas a ADEFS seja dos bairros ou distritos. Como tal, ele direcionou a construção de vários templos e fundou entidades assistencialistas, como o AMA (Amparo ao Menor Abandonado) e o Centro de Recuperação Desafio Jovem, contribuindo, assim para a inserção da Assembléia de Deus na sociedade feirense. É interessante ressaltar que, esta inserção social promovida pelo Pastor Severino Soares se deu através de um significativo envolvimento com a política partidária.

Igor Trabuco, ao analisar a atuação política dos assembleianos feirenses no período compreendido entre 1972 a 1990, constatou que foi o pastor Severino Soares quem indicou, Gerson Gomes da Silva como candidato a vereador em 1972. Este mesmo autor observa que a sua relação com o poder público não se restringiu à indicação de candidatos, ele próprio era bastante ativo no que se refere as questões políticas. “Severino Soares se fez presente em diversas reuniões da Câmara de Vereadores de Feira de Santana. Houve também, na Câmara de Vereadores diversas menções e solicitações de terreno para a AD e o Orfanato Evangélico.”¹⁰⁰

Podemos constatar esse seu envolvimento com as autoridades políticas locais em um álbum de fotografias de um assembleiano feirense, onde está registrada a formatura de uma turma de internos do Centro de Recuperação Desafio Jovem. Neste evento, esteve presente, o então prefeito de Feira de Santana, José Falcão da Silva, o seu vice

⁹⁹ Trecho extraído de um panfleto escrito por um de seus filhos, Isaías Oliveira Soares, também pastor, na ocasião das comemorações dos 45 anos de ministério do pastor Severino Soares em janeiro de 1989.

¹⁰⁰ SILVA, Igor José Trabuco da. *“Tu não participarás”: A assembleia de Deus em Feira de Santana e os dilemas da participação política. (1972 a 1990)* Feira de Santana. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da UEFS, 2008, p.78.

José Pinto, o nosso já conhecido político assembleiano Gerson Gomes. Vale destacar ainda a presença do o assembleiano Waldeir Pereira que na época era vereador da cidade. Eis um registro visual da calorosa recepção feita por Severino Soares ao seu prefeito:



Fig. 03: Pastor Severino Soares recepcionando o então prefeito de Feira de Santana, José Falcão da Silva em uma formatura do Desafio Jovem na década de 1980, no seu lado direito o então vereador assembleiano Waldeir Pereira.

Apesar do seu ativismo político desde a década de 1970, o pastor Severino Soares só concorreu uma vaga no legislativo municipal em 1993, certamente porque na mentalidade assembleiana pastor não devia assumir cargos políticos, a ele cabia, exclusivamente, as atribuições pastorais.

Quanto ao obreiro e a política, não deve aqui haver mistura. “Ninguém que milita se embaraça com negócios desta vida” (2 Tm 2.4). Um obreiro realmente chamado por Deus e em plena atividade ministerial, não deve jamais trocar sua chamada por qualquer outra coisa, mas caso venha fazer isto que deixe o exercício do seu ministério.¹⁰¹

Embora a revista supracitada, seja do ano de 1996, este argumento já era recorrente no universo assembleiano desde muito antes, não por acaso, o Pastor Severino Soares pediu jubilação antes de se candidatar a vereador.

Ao pedir jubilação, certamente, a sua intenção não era deixar o exercício do seu ministério, tanto que ele continuou ativo na denominação e assim que obteve apoio enquanto pastor-político revogou seu pedido. Isto é o que podemos perceber na fala da

¹⁰¹ Lição 4, 4º trimestre de 1996, p. 29.

sua esposa, Nilda Soares: “... também logo revogou, teve ali, um ano dois, jubilado, mas voltou logo, imediatamente reconciliou que todos apoiaram ele, que não tava ainda no tempo, que ele tava ainda novo e tinha uma inteligência terrível.”¹⁰²

Ao ficar na suplência do vereador José Martins Vitória que venho a falecer em abril de 1994, o pastor Severino Soares (PMN) assumiu o cargo deste na Câmara Municipal. O jornal *Feira Hoje* faz referência a sua posse:

A câmara municipal de Feira de Santana já voltou a está completa em seu quadro de 21 vereadores, com a posse do suplente do falecido José Martins Vitória(PSB). Severino Soares (PMN) assumiu a cadeira na sessão da ultima segunda-feira. As galerias estavam completas. Compareceram a solenidade muitos correligionários do novo vereador, políticos vindos de outras cidades baianas e autoridades do município, além de um grande número de seus companheiros de religião- Severino Soares é pastor da Igreja Assembléia de Deus.¹⁰³

Comentando sobre o seu discurso de posse, o jornalista afirma que o pastor Severino Soares depois de lembrar com pesar da morte do seu colega registrou a presença de alguns políticos, dentre eles, Gerson Gomes da Silva. Eis um trecho do seu discurso que o jornal transcreveu:

Todos os compromissos que estou assumido neste momento com a comunidade, tenho consciência dos deveres de vereador e também que ele não pode executar, mas tem condições de falar dos problemas que afligem a população e cobrar soluções, é o que eu pretendo exercer ao longo do meu mandato.¹⁰⁴

Apesar desta tentativa retórica do pastor Severino Soares de contemplar a sociedade feirense de um modo geral, durante o seu mandato as suas atenções estavam voltadas , principalmente para os evangélicos.

Segundo Cartaxo, “a grande maioria de crentes ocupantes de cargos eletivos congrega-se na defesa do governo por ser este autoridade, e na busca de oportunidades, e na busca de oportunidades que podem trazer beneficio material para a suas igrejas.”¹⁰⁵

O pastor Severino Soares não fugiu a regra, se alinhou ao prefeito José Raimundo Pereira que assumiu o lugar de João Durval Carneiro, pois este renunciou o mandato pela candidatura a governador do estado da Bahia pelo PMN.

¹⁰² Entrevista a Nilda Soares concedida a Elizete da Silva em setembro de 2005.

¹⁰³ *Jornal Feira Hoje*.. Feira de Santana. 27.04.1994, p.2.

¹⁰⁴ *Jornal Feira Hoje*.. Feira de Santana. 27.04.1994, p.2.

¹⁰⁵ ROLIM, Cartaxo. *Pentecostalismo: Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p.76.

Seu primeiro projeto de lei era pra ser uma homenagem ao falecido vereador, José Martins Vitória, se tratava da modificação do nome de um das ruas do conjunto Feira IX. Porém os moradores do conjunto populacional, não satisfeitos, fizeram com que ele retirasse o projeto de pauta através de um abaixo-assinado com 120 assinaturas, alegando que o vereador que seria homenageado não constituiu nenhum vínculo com o Conjunto Feira IX.

Enquanto os moradores do conjunto Feira IX se opuseram à pretensa homenagem do Pastor Severino Soares, foi com o apoio dos moradores do bairro Jardim Sucupira (através de abaixo-assinado com 70 assinaturas) que ele mudou o nome da Rua Oxum para Lírio dos Vales. Atitude que aponta para a sua identidade pentecostal, afinal uma entidade do candomblé perdeu a vez para uma das designações bíblicas atribuídas a Jesus Cristo.

Como representante da ADEFS, foi autor da lei que considerou de utilidade pública, o Amparo ao Menor Abandonado (AMA), entidade assistencialista fundada por ele mesmo em 1986. E ainda, certamente foi pensando no Desafio Jovem, que requereu uma moção de repúdio pelo veto que destinava ao Sistema único de Saúde (SUS) receita para recuperação de viciados. Eis a sua argumentação: “O veto acima citado prejudica sensivelmente o trabalho assistencial de recuperação de drogados neste município”.¹⁰⁶

Porém, numa discussão sobre a entronização da Bíblia¹⁰⁷ no plenário da Câmara Municipal, provocada por um projeto de resolução da autoria de um vereador também evangélico, Osmário Silva Pena do PTB, então membro da Igreja Universal do reino de Deus, não identificamos a sua atuação, ou pelo menos esta não conta nos documentos consultados.

Eis a proposta do vereador Osmário Silva Pena:

Desde quando foi aprovado por esta Casa a resolução nº 153 de 15 de maio de 1984, entronizando a bíblia Sagrada no plenário, torna-se necessária a leitura diária da mesma, e que também a leitura seja seguida de uma pequena prece para que Deus venha sempre conduzir os trabalhos desta casa, conforme escrito em II Reis 3:8 e 9.¹⁰⁸

No entanto, a proposta do vereador protestante foi contestada por seu colega Messias Gonzaga que alegou ser “um grande equívoco transformar uma casa

¹⁰⁶ Requerimento 1.067/95. 01 de setembro de 1995. Câmara Municipal de Feira de Santana.

¹⁰⁷ Como vimos no capítulo anterior, o Projeto de Lei da entronização da Bíblia foi da autoria do vereador assembleiano Waldeir Pereira, o qual foi aprovado em 1984.

¹⁰⁸ Projeto de Resolução nº 415/94. 16 de julho de 1994. Câmara Municipal de Feira de Santana.

parlamentar, que é de todo povo, em templo religioso. Com um agravante deixa de ser casa laica, para atender apenas a uma parcela da população.”¹⁰⁹ Então, sugeriu um novo parágrafo na resolução em questão, que garantisse a leitura revezada de livros sagrados que contemplassem os mais diversos grupos religiosos.

O interessante é que na década de 1940 o deputado protestante Guaracy Silveira condenou “o requerimento da entronização da imagem de Cristo feito pelos integralistas, com o apoio velado da Igreja Católica”¹¹⁰. Na década de 1990, os protestantes feirenses já com a visibilidade numérica e poder, além de terem conseguido entronizar a Bíblia, brigavam para que a mesma fosse devidamente lida nas casas legislativas.

O possível silêncio do pastor Severino Soares nesta fervorosa discussão pode ser entendido como um estratégia de atuação, afinal não podemos ignorar a “inteligência terrível” que a sua esposa lhe atribuiu. Certamente ele apoiou a proposta do vereador Osmário Silva Pena.

As atenções de Severino Soares, de fato, estavam voltadas para os evangélicos, no que diz respeito à sociedade feirense de uma forma geral ele toma poucas medidas. Na área da educação foi autor da lei que obriga instalar em todas as salas de aula da rede escolar de ensino 5 % das carteiras escolares para alunos canhotos. Segurança, saúde, trânsito, pavimentação de ruas e construções de praças poucas vezes foram temas de algumas das suas propostas. Já no que se trata de votos de felicitações a personalidades do meio evangélico feirense e até mesmo de condolências na ocasião de falecimento de algum líder evangélico, Severino Soares não economizou papel.

Identificamos um número bem expressivo de moções de congratulações pela realização de eventos evangélicos, dentre eles merece destaque a “Feira das Nações” promovida pela ADEFS em dois anos consecutivos do seu mandato (1995 e 1996) no parque de Exposição João Martins da Silva. Em 1995, “o evento apresentou diversas atrações com stands com peculiaridades e costumes dos 21 países ali representados.”¹¹¹ Ou seja, a ADEFS estava correspondendo à meta do projeto Década da Colheita no tocante a missões transculturais, e para tal ela contou com benefícios do poder público através do seu representante na Câmara.

¹⁰⁹ Projeto de Resolução nº416/94. 16 de julho de 1994. Câmara Municipal de Feira de Santana

¹¹⁰ SILVA. Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira*. Feira de Santana: UEFS, 2007, p. 51.

Como é característico dos políticos pentecostais, o aspecto moral ganhou centralidade na sua atuação política chegou a propor uma lei municipal que proibisse a venda de bebidas alcoólicas a menor de 18 anos que foi retirada de pauta já que a mesma já fazia parte do Código Penal do Brasil.

Portanto, enquanto vereador, o Pastor Severino Soares parecia imbuído da missão de representar a sua denominação, mas também estendeu os seus vínculos a outras denominações protestantes, por exemplo, foi autor da lei que considera a Igreja Batista Alvorada de utilidade pública. Afinal, ele contava com os votos dos evangélicos feirenses para se reeleger nas próximas eleições já que em 1996 ele tornou a se candidatar, só que desta vez não conseguiu garantir sua vaga na Câmara de vereadores.

Em fevereiro de 2000 ele veio a falecer, com a idade de 74 anos, o seu funeral parece ter mobilizado a sociedade feirense, conforme foi registrado na atas da ADEFS:

O pastor Carlos pediu oração pela família enlutada pelo passamento do Pastor Severino Soares aos quinze minutos do dia quinze de fevereiro de dois mil. Informou ainda que fez se presente no cortejo do Pastor Severino Soares, a convenção baiana CEADÉB, sendo que o secretário da mesma colocou-se à disposição para comunicar-se com a imprensa, corpo de bombeiros e prefeitura municipal, a qual estava representada pela sua Exc. Sr. Clailton Mascarenhas, prefeito da cidade, que decretou luto oficial de três dias nas repartições públicas.¹¹²

A memorialista Lélia Fernandes faz referência ao seu mausoléu onde se encontra o epitáfio: “Somente os que te conheceram sabem o verdadeiro significado da palavra ‘pai’.”¹¹³ Era a última homenagem dos seus oito filhos, quatro deles pastores da Assembléia de Deus.

¹¹¹ Requerimento 987/95. 16 de outubro de 1995. Câmara Municipal de Feira de Santana.

¹¹² Ata 544, 12 de fevereiro de 2000.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de analisar as representações políticas construídas pelos membros da Assembléia de Deus em Feira de Santana na década de 1990, verificamos que nas eleições municipais deste período lideranças eclesiais deste grupo religioso apoiaram candidaturas de pelo menos dois de seus membros, em cada uma delas, para pleitear mandatos de vereador na Câmara Municipal desta cidade.

Nas eleições de 1992, os candidatos apoiados foram o pastor Severino Soares juntamente com membro Urbano Matos. O primeiro chegou a assumir o cargo de vereador na Câmara Municipal, onde teve uma atuação marcada pela defesa dos interesses do segmento evangélico. Já nas eleições de 1996, nenhum dos candidatos da ADEFS conseguiu se eleger, desta vez, além de Urbano Matos e do pastor Severino Soares, o presbítero Lucivaldo Teixeira tinha se candidatado a vereador de Feira de Santana.

Como explicar estes dados? Tradicionalmente os pentecostais, com base na díade coisas de Deus X coisas do mundo, não procuraram se manter apartados da política tida como mundana?

Analizando as revistas utilizadas na Escola Bíblica Dominical, as *Lições Bíblicas*, e ainda o jornal *Mensageiro da Paz*, literaturas com caráter doutrinário, de grande circulação no meio assembleiano em todo país, percebemos que este discurso dicotômico não aparece mais de forma tão rígida nos anos 90. Em suma, no período delimitado pela nossa pesquisa, na concepção da literatura oficial da Assembléia de Deus, ser cristão não significava mais se apartar do mundo, mas sim se inserir de forma diferenciada na sociedade.

Apesar destas mudanças na literatura veiculada pela denominação, do potencial eleitoral da ADEFS e ainda do envolvimento significativo da hierarquia eclesial local com a política partidária nenhum candidato assembleiano em Feira de Santana conseguiu, de fato, se eleger na década de 1990, o próprio pastor Severino Soares ficou na condição de suplente de vereador José Martins Vitória.

¹¹³ OLIVEIRA, Lélia Vitor Fernandes de Oliveira. *Inquilinos da Casa da Cidadania*. Feira de Santana:

O que nos permite afirmar que muitos assembleianos feirenses ainda persistiam na tradicional concepção pentecostal de distanciamento da política mesmo que para isso fosse preciso abdicar da intermediação dos líderes eclesiásticos nos seus posicionamentos políticos.

Se, por um lado, percebemos que o processo histórico é forjado em meio a rupturas e permanências, por outro, esta constatação nos mostra uma peculiaridade protestante baseada na doutrina do sacerdócio universal, tão reivindicada pelo reformador Lutero, a qual permite também aos leigos a manipulação dos bens simbólicos, através da interpretação individual da Bíblia.

Por fim, acreditamos ter dado uma pequena contribuição para melhor entender a presença assembleiana na sociedade feirense. Porém é inegável a angustiante sensação de não ter contemplado todas as nossas inquietações, o que nos consola é acreditar que esta nossa última impressão é a própria essência da pesquisa histórica.

FONTES

1)Eclesiásticas

- Livro de Atas da Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Feira de Santana.
- Estatuto da Assembléia de Deus de Feira de Santana
- Revistas da Escola Bíblica Dominical
- Jornal Mensageiro da Paz
- BÍBLIA Sagrada. Rio de Janeiro: CPAD. Tradução de João Ferreira de Almeida

2) Oraís

- Entrevista com os candidatos assembleianos (José Marques, Lucivaldo Teixeira e Urbano Matos)
- Entrevista com a esposa do pastor Severino Soares, Nilda Soares.
- Entrevista com a pioneira da Assembléia de Deus em Feira de Santana, Margarida Loreto.

3) Arquivo da Câmara Municipal de Feira de Santana

- Projetos de Lei; Leis Municipais; Projeto de resoluções; Resoluções; Projetos de Decreto Legislativo; Decretos Legislativos; Requerimentos; Indicações e Moções. (1994-1996)

4) Memórias e fontes impressas

- JUBILEU DE OURO. Feira de Santana: Igreja Assembléia de Deus.1989.
- LAGEDINHO, Antônio do. *A Feira na década de 30*. Feira de Santana, 2004.
- OLIVEIRA, Lélia Vitor Fernandes de Oliveira. *Inquilinos da Casa da Cidadania*. Feira de Santana: Fundação Cultural Egberto Costa. 2006.

- OLIVEIRA, Lélia Vitor Fernandes de Oliveira. *E a História Continua*. Feira de Santana: Igreja Evangélica Fundamentalista, 2007.
- VINGREN, Ivar. *Gunnar Vingren: o diário do pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973.
- SYLVESTRE, Josué. *Irmão vota em irmão: os evangélicos a constituinte e a Bíblia*. Brasília. Pergaminho, 1986.

5) Jornais

- Folha do Norte (Década de 1990) e Feira Hoje (1994-1996), disponíveis no Museu Casa do Sertão.

6) Iconográficas

- Álbum particular do assembleiano feirense Eliaquinho Ferreira

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZI, Riolando. *A Cristandade Colonial: Um projeto autoritário*. São Paulo: Paulinas, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CAMPOS JR, Luís de Castro. *Pentecostalismo: Sentidos da Palavra divina*. São Paulo: Ática, 1995.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *O milenarismo intramundano dos novos pentecostais brasileiros*. In: Estudos de Religião, 18. São Bernardo, UESP. 2000; SIEPIERSKI, 2002.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural – Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Beutrand Brasil, 1990.

CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD. 2000.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

COUTO, Clari Alves Ferreira. *Orar e Vigiar – O Poder Disciplinador da Religião como Representação do Pecado na AD de Conceição do Coité, 1970 a 1990*. Feira de Santana. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da UEFS, 2001.

FERNANDES, Rubem César. *Novo Nascimento- Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História Oral e Tempo Presente*. IN: (Re)introduzindo a História Oral no Brasil. São Paulo: Usp, 1996.

FERREIRA, Sara Silva dos Anjos. *O Papel da Mulher na expansão e consolidação da Assembléia e Deus em Feira de Santana (1949 -1980)*. Feira de Santana. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da UEFS, 2008.

FREITAS, Nacelice Barbosa. *Urbanização em Feira de Santana: influências da industrialização (1970-1996)*. 1998.

FRESTON, *Protestantes e política no Brasil: Da Constituinte ao impeachment*. Tese de Doutorado. São Paulo: Unicamp, 1993.

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. IN: ANTONIAZZI, Alberto. *Nem Anjos nem Demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

GANDON, Tânia Risério. Etnotexto e Identidade Cultural na Construção da Memória. In: Revista da FAEEBA. Bahia: UNEB, 2005.

GOMES, Igor. *Na Contramão do sentido: Origens e trajetória do PT de Feira de Santana*. Bahia. (1979 -200). Niterói. UFF, 2007.

GUIMARÃES, Tarcísio Farias. *O protestantismo histórico no Sertão Baiano*. Feira de Santana: Espistêta. Ano 03, Vol. 03, nº1, 2001.

LEONARD, Emile. *O Protestantismo Brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. São Paulo: ASTE, 2002.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: Adesão religiosa na esfera familiar*. São Paulo: ANPOCS, 1996.

MARIANO, RICARDO e PIERUCCI, Antônio Flávio. *O Envolvimento dos Pentecostais na Eleição de Collor*. In: PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo (org.). *A realidade Social das Religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. Ed Hicitec. São Paulo, 1996.

NICOLAU, Jairo Marconi. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

NOVAIS, Regina Reyes. *Os Escolhidos de Deus: Pentecostais, trabalhadores e cidadania*. São Paulo. Editora Marco Zero. 1985.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana M. *Do empório a Princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893- 1937)*. Salvador: UFBA, 2000. Dissertação de Mestrado.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Representantes de Deus em Brasília: A Bancada Evangélica na Constituinte*. In: PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo (orgs.). *A realidade Social das Religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. Ed. Hicitec. São Paulo, 1996.

POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Salvador: Itapuã, 1968.

QUADROS, Eduardo. Os Hereges Holandeses. In: BRANDÃO, Sylvana (org.). *História das Religiões no Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002, p. 212 a 213.

REYLY, Duncan Alexander. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo. ASTE. 2003.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo: Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

SAMPAIO, Maria I. da Silva. *Representações do processo saúde-doença entre os pentecostais da Assembléia de Deus em Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS. 2003. (Dissertação de Mestrado).

SILVA, Igor José Trabuco da. *“Tu não participarás”: A assembléia de Deus em Feira de Santana e os dilemas da participação política. (1972 a 1990)* Feira de Santana. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da UEFS, 2008.

SIEPIERSKI, Paulo D. e GIL, Benedito M. (Orgs.) *Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 151.

SIEPIERSKI, Paulo D. *A inserção e expansão do pentecostalismo no Brasil in: BRANDÃO, Sylvana (org.) História das Religiões no Brasil*. Recife: Universitária da UFPE, 2002.

SANTOS, Ana Maria F. dos. *O Ginásio Municipal no Centro das lutas populares em Feira de Santana (1963-1964)*. Sitientibus. Feira de Santana, nº24, jan./jun. 2001.

SILVA, Elizete da. *Cidadãos de Outra Pátria: Anglicanos e Batista na Bahia*. São Paulo. USP. Tese doutorado, 1998.

SILVA, Elizete da. *O protestantismo Brasileiro: um Balanço historiográfico*. Feira de Santana: UEFS.

SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira*. Feira de Santana: UEFS, 2007.

SILVA, Elizete da. Protestantismo e representações políticas. In: BRANDÃO, Sylvana (org.). *História das Religiões no Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

TEIXEIRA, Marli Geralda. *Os batistas na Bahia*. Salvador: UFBA. 1975.

TEXEIRA, Marli Geralda. *Nós os batistas... um estudo de história das mentalidades*. São Paulo: FFLCH/ USP. Tese de doutoramento. 1983.

TRABUCO, Zózimo Antônio Passos. *Entre a ruptura cultural e a contextualização: A construção da identidade Batista em Feira de Santana de 1960-1995*. Relatório PROBIC. Feira de Santana. 2006.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2007.